

AUTOR: GERALDO LÚCIO DE MELO

TÍTULO: O JORNAL NO BIOS VIRTUAL:
A ÂNCORA E O LASTRO SOCIAL

UFRJ/PÓS-ECO

2009

Melo, Geraldo Lúcio

O jornal no bios virtual: a âncora e o lastro social/ Geraldo L. Melo. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2009

124 P.

Dissertação- Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO

1. Jornalismo. 2 Mediação. 3. Mídia. 4. Dissertação(Mestrado, UFRJ/ECO). 5. Orientador: Muniz Sodré. 6. O jornal no bios virtual: a âncora e o lastro social. I. Título

O JORNAL NO BIOS VIRTUAL: A ÂNCORA E O LASTRO SOCIAL

Geraldo Lúcio de Melo

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Comunicação Social
da Universidade Federal do
Rio de Janeiro.

Orientador: Professor Muniz
Sodré, PhD, Pesquisador nível 01
CNPQ

RIO DE JANEIRO
2009

O JORNAL NO BIOS VIRTUAL: A ÂNCORA E O LASTRO SOCIAL

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por

Professo Muniz Sodré de Araújo Cabral

Doutor em Letras e Livre Docente em Comunicação pela UFRJ,
pesquisador nível 01 do CNPQ.

-

—
Professor Mohammed Elhajji

Doutor em Comunicação e Cultura, professor e tutor do Programa de
Ensino Tutorial da UFRJ

—
Professor Vitor Mário Iório

Doutor em Comunicação e Cultura, professor adjunto da Faculdade de
Administração da UFRJ.

RESUMO

MELO, Geraldo Lúcio. **O jornal no bios virtual: a âncora e o lastro social**. Orientador: Muniz Sodré. Rio de Janeiro:UFRJ/ECO. 2009. 76 p.

O *bios virtual* é a denominação do professor Muniz Sodré, da UFRJ, para o ambiente sócio-econômico atual, no qual a mídia prepondera, mas nela não se esgota. É resultado do movimento tecnocultural milenar do ser humano, sendo, hoje, uma nova forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. Em todos os aspectos o indivíduo vê-se atravessado por uma série de procedimentos científicos e comunicativos que têm como eixo a revolução digital, ainda praticamente em seu início, mas já com tantos efeitos que parecem anunciar um novo limiar para a humanidade.

Esta mudança na área da comunicação vem sendo comparada e, talvez, seja ainda maior do que a ocorrida na Idade Média, quando a imprensa foi inventada e serviu como um dos instrumentos para que um novo estrato social, a burguesia, ganhasse o poder. Na era contemporânea, a princípio, não há uma nova classe econômica à vista, mas um segmento profissional vem se destacando - o dos analistas simbólicos - favorecido pela globalização. É de fato um admirável novo mundo "semiúrgico" que surge, com intensos e extensos fluxos informativos gerados pela Internet, para onde a imprensa se muda tentando manter-se como uma das principais âncoras de significados e apreensão da realidade; conforme vem sendo no último século. A análise do lastro social para preservar sua influência no *bios virtual* é o objetivo dessa dissertação.

ABSTRACT

MELO, Geraldo Lúcio. **O jornal no bios virtual: a âncora e o lastro social**. Orientador: Muniz Sodré. Rio de Janeiro:UFRJ/ECO. 2009. 76 p.

The *virtual bios* is the denomination by the professor Muniz Sodré, from UFRJ, to the current socioeconomic environment, in which the media preponderates, is not all. It is the result of the ancient technical and cultural movement of the human being, and it is today a new way of relating with oneself, with others and with society. In all the aspects, the individual sees himself crossed by a sequence of scientific and communicative procedures that have as an axis the digital revolution, which is still in its beginnings, but with so many effects that it seems to announce a new threshold for humanity.

This change in the communication area is being compared with and, perhaps, is even bigger than the one of the Middle Ages, when the press was invented and it served as the instrument for a new social stratum, the Bourgeoisie to win power. Nowadays, at first, there is not a new economic class in sight, but a professional segment is outstanding - the symbolic analyst - assisted by globalization. It is in fact an admirable new world that arises, with intense and extensive informative fluxes generated by the Internet, to which the media changes trying to keep itself as one of the main anchors of meanings and apprehension of reality as it has been over the last century. The analysis of the social ballast, so as, to preserve its influence on the *virtual bios* is the objective of this dissertation.

AGRADECIMENTOS

À Bete, minha mulher, Anna e Nara, minhas filhas.

Aos professores Muniz Sodré, meu orientador, Raquel Paiva, amiga e Mohammed Elhajji e Vítor Iório, participantes da banca.

À minha família de Coronel Pacheco/MG e aos amigos de lá e de Juiz de Fora/MG, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG e Brasília/DF, sem os quais, todos eles, próximos ou distantes, eu não seria ninguém.

Á Ilce Cavalcanti, ajuda prestimosa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

O bios virtual, a clave

2. Desenvolvimento

2.1. A economia da atenção, a pauta

2.2 A grande imprensa, o personagem e a reportagem

2.3 Os analistas simbólicos, a notícia como negócio

2.4 A internet e a marca, o grande circo da mídia

3. Conclusões

4. Referências bibliográficas

5. Anexos

1.INTRODUÇÃO, a clave

“O bios midiático é a ponta do iceberg de uma comunidade regida pelas sensações, de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social. Se, se retira daquilo que chamamos de real, o espaço e o tempo, temos o virtual, que é o real menos o espaço e o tempo” (Sodré, 2006, p 100).

O *bios virtual*¹ é o resultado de um movimento milenar dos humanos para representar a si mesmos, uns para os outros e o mundo, com formas de se manterem conectados, através da mídia – aqui entendida num conceito mais amplo do que o conjunto dos meios de comunicação. Conexões que em sua maioria, hoje, não têm vinculação social efetiva, mas apenas convencional, ou contratual, como acontece no sistema capitalista.

O jornalismo faz parte dessas representações desde o alvorecer da Renascença, mas agora, periga ser só reminiscência desta época em que a burguesia assume como protagonista da história. Para a burguesia, vocalizada pelo liberalismo clássico, o indivíduo é rei e as organizações (quase que) apenas um mal necessário. Burguesia que, em cerca de 700 anos (Elias, Braudel), acabou por dominar o mundo no processo sócio-econômico conhecido como globalização.

Na história recente e atual, esta tensão entre o indivíduo e as instituições é permanente. E os jornais enfrentam este dilema entre privilegiar o personagem e a entidade, embora acabem optando por destacar a pessoa - autoridade, especialista, um autor, alguém com nome público - pois é preciso “dar rosto a tudo”, diz a técnica jornalística. Quem fala o que, onde, quando e por quê? (a famosa fórmula clássica do *lead*, dos cinco “Ws”: *Who, What, Where, When, Why*).

“O bios midiático é a ponta do iceberg de uma comunidade regida pelas sensações, de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social. Se, se retira daquilo que chamamos de real, o espaço e o tempo, temos o virtual, que é o real menos o espaço e o tempo” (Sodré, 2006, p 100).

¹ Sodré, 2006.

Neste esquema falta uma perguntinha básica: mas, afinal, comunicar para quê? Em tese, para defender o princípio que todos os homens são iguais perante a lei (e a Deus, segundo a crença de cada um e em cada lugar), conforme consagram a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas (ONU), de 10 de dezembro 1948, e todas as modernas constituições. A questão da comunicação insere-se exatamente neste diapasão, famosa mundialmente por causa da Primeira Emenda à Constituição americana, que garante a liberdade de expressão, opinião e reunião. O problema é conciliar este direito com a igualdade material de todos.

Há duas visões fundamentalmente opostas sobre este conflito: a do individualismo clássico, pela qual o homem só agiria em interesse próprio e a sociedade seria apenas o resultado do seu comportamento agregado, podendo ser explicada a partir da soma dos indivíduos atomizados. Concepção da qual são famosos os utilitaristas Jeremy Bentham e John Stuart Mill.

'A comunidade constitui um corpo fictício, composto de pessoas individuais que se consideram como constituindo os seus membros. Qual é neste caso o interesse da comunidade? A soma dos interesses dos diversos membros que integram a referida comunidade".²

Essa é a base filosófica e teórica do pensamento econômico liberal. Para Mill, "devem-se suprimir explicações das ações humanas influenciadas por outros motivos que não o próprio desejo de obter riqueza".³ Para eles, o ponto de partida é o indivíduo autointeressado buscando em todos os casos, "maximizar sua utilidade e minimizar seus custos".⁴ Os fatores capital e trabalho

² Bentham, 1789. p. 10

³ Mill, John Stuart. 1836

⁴ Dias, Maria Cristina Longo e Rotta, Tomas. 2009.

seriam remunerados de forma justa de acordo com a sua contribuição para a produção, na perspectiva inaugurada por Adam Smith.

O papel do Estado e dos organismos políticos seria desta forma garantir a não violação desta harmonia. “A harmonia de Mandeville”(1934) seria, portanto, a plena naturalização do capitalismo e do individualismo: *‘esses homens insetos viviam como os homens e todas as nossas ações executavam em menor escala/ assim cada parte era cheia de vício, embora o todo fosse um paraíso/ então o vício é tornado benéfico/ quando é pela justiça amparado e limitado (Vícios Públicos, benefícios privados)’*.⁵

Dizem Maria Cristina Longo Dias e Tomas Rotta que assumir isso como verdadeiro é admitir a necessidade de uma coação externa aos indivíduos, pois a busca única e exclusiva pelo interesse próprio acaba colocando uns contra os outros.

Uma concepção oposta a este modo de entender a sociedade é a elaborada por Karl Marx. Para este autor, a essência humana se constrói no conjunto das relações sociais, “de maneira dinâmica e histórica”.⁶

“Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fato econômico é o único fato determinante converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda”.⁷

Para Engels, a situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura – as forças políticas, as formas jurídicas, as ideias religiosas - também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas. “Trata-se de um jogo recíproco de ações e reações entre todos esses fatores, no qual, por meio de toda uma infinita multidão de acasos, acaba sempre por impor-se, como necessidade, o movimento econômico” (Engels, 1890).

⁵ Idem.

⁶ Marx, Karl. 1845

⁷ Engels, Friedrich. 1890.

Na visão marxista, a “naturalização” de uma hipotética essência humana, assim como perpetrada pelo liberalismo (ou individualismo metodológico, segundo Dias e Rotta) é um dos vários mecanismos sociais que servem para o ocultamento da apropriação de um excedente social por aqueles que não a produziram.

“Neste ponto, o individualismo metodológico, que embasa a teoria neoclássica é um exemplo direto do que Gramsci denominou de hegemonia: a prática político-teórica da classe dominante ou o domínio cultural-ideológico de um classe e/ou teoria sobre outras. Processo esse que não é explícito, mas sim ocultado por uma gama de mecanismos ideológicos cuja moralidade naturaliza o que é um produto social”.⁸

O jornalismo escuda-se numa pretensa objetividade para evitar ser influenciado por uma ou outra visão ideológica. O uso judicioso das aspas, apresentação de provas auxiliares e a forma da pirâmide invertida são maneiras com que se tenta escapar da subjetividade. Ouvir os dois lados da notícia é a regra de ouro básica. Acontece que a partir disso e por outras razões-econômica/contábil, sobretudo - os jornais estão valorizando mais as declarações do que os próprios fatos. “Ou seja, preocupam-se mais com os comentários dos acontecimentos do que com os acontecimentos”. (Pena, 2005)

Em 15 dias de análise das capas da grande imprensa⁹, cinco dias a cada três meses, em cerca de 700 chamadas, apenas 42 não se referiam a uma fonte oficial. Ou seja, é o jornalismo de declarações que está imperando, não o de observação. Neste, o olhar do repórter é essencial; naquele, a edição de

⁸ Dias, Maria Cristina Longo e Rotta Tomas

⁹ Consideram-se como da “grande imprensa” três diários: Folha SP, Estado SP e O Globo, do Rio, que têm prevalência de temática nacional e circulação extra-regional. O Jornal do Brasil perdeu esta segunda característica, até porque se desfilou do Instituto Verificador de Circulação (IVC) da Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

releases eletrônicos supre esta tarefa exercida cada vez mais em tempos exíguos.

Mas, o jornalismo contemporâneo se defronta com uma situação muito mais ampla do que a decisão editorial entre *release* e reportagem.

Trata-se, para Muniz Sodré, de uma mutação profunda que parece estar se anunciando na percepção e mente das pessoas com o *bios virtual*. O *bios virtual* vem na esteira do que Aristóteles definiu como modos de conhecimento da realidade, distintos da natureza ou da animalidade pura, da *zoé*. Ou seja, ao lado dos *bios theoretikos* ou cognitivo (relativo à teoria e à vida contemplativa), *bios politikos* ou sociopolítico (relativo à *práxis*, vida política) e *bios apolaustikos* ou sensível (*poiésis*) relativo à vida prazerosa, do corpo) “emerge hoje um novo *bios* como duplo exteriorizado ou ecossistema tecnológico; uma forma virtualizada de vida, cuja manifestação mais evidente é a dimensão midiática”. (Sodré, 2002, p. 25).¹⁰

É um fenômeno que atinge a totalidade da vida social (um fato social total, conforme Marcel Mauss, *apud* Sodré, 2006, p. 101), afetando ontologicamente a subjetividade; “lugar em que os homens se tornam imagens de si próprios” (Baudrillard, *apud* Sodré, 2006, p. 101) “pontos de existência” (Kerckhove *apud* Sodré, 2006, p. 105), um “plano do sentir, uma época estética, porque o seu campo estratégico não é o cognitivo, nem o prático, mas o do sentir, o da *aisthesis*” (Perniola, *apud* Sodré, 2006, p. 17).

Neste ambiente a imprensa tenta manter-se como uma das âncoras da atenção humana indo para a Internet. A *web*¹¹ pode ser uma das chaves da comunicação que se queira emancipadora, mas não é sozinha a resposta, que passa pela constituição da audiência em tempos de extrema fugacidade.

Em que lastro social a mídia jornalística vai se referenciar para “por em comum”, etimologia da comunicação, o que se há para comunicar?

Jürgen Habermas detectou a emergência do jornal moderno por ocasião da mudança estrutural da esfera pública, quando a burguesia emergiu como classe dominante no Renascimento, pós-invenção da imprensa.

¹⁰ Sodré, 2002. p. 25

¹¹ *World wide web*: na tradução, rede de alcance mundial, origem da sigla *WWW*

Estaríamos a presenciar algo semelhante? Como será a nova forma de comunicação que irá aparecer com a Internet em substituição ao jornalismo clássico? Essa é a pergunta desta dissertação. E quem irá protagonizá-la no momento em que as classes sociais caminham para a indefinição ou para a polarização, *à la "Blade Runner", de Ridley Scott (grifo meu)?*

Para responder a tais perguntas, é preciso olhar o contexto, saber, por exemplo, que o fluxo de imagens, sons e dígitos em geral (dados) que caracteriza o *bios virtual* é uma intervenção tecnocultural inédita na história da humanidade, não só pela proporção globalizante que alcança, como por alterar os próprios padrões de convivência social.

"A mídia hoje não se define como um puro dispositivo técnico, embora o suporte técnico seja necessário. Não é também uma forma fechada em torno de uma gramática expressiva. É um conceito maior do que a definição de TV, rádio, jornal, internet". (Sodré, 2006, p. 98).

No *bios virtual*, o império do sensível, a mídia tenta suprir a realidade, política e emocionalmente. Sodré define mídia como um conceito que não se resume aos veículos de comunicação. O *medium* seria propriamente o conceito dessas formas e a mídia uma espécie de prótese ontológica para o controle das relações sociais e das novas subjetividades por tecnologias informacionais.

Segundo Sodré, todas as concepções antigas de jornalismo e da mídia como transmissão de informação - para educar, instruir - não têm mais sentido e não mais definem mídia como meio de comunicação.

"Não se trata mais de tornar as coisas visíveis a um olho externo, a um olho exterior, mas de tornar as coisas transparentes a si mesmas. A potência de controle é como que internalizada e os homens não são mais vítimas das imagens, eles mesmos se transformam em imagens. Uma

telemorfose integral da sociedade que, portanto, não deve ser compreendida como um efeito específico de programação de televisão, mas é um evento da midiatização, da articulação exponencial das tradicionais instituições sociais, com o conjunto da tecnologia da informação a reboque do mercado. Trata-se de uma associação estreita entre práticas sociais e espaço público, ativado por processos tecnológicos de comunicação". (Sodré, 2006, p 100-1).

Entramos em um momento da história em que a esfera civilizacional que circunda o homem é espectral. É feita do impalpável, de ausência/presença de luz, seja o circuito fechado/circuito aberto, ***seja o pingo no papel*** (grifo meu), a imagem do cinema ou na fotografia - tudo é cada vez menos substancial e mais visual. ***Mas***, (grifo meu)

"O *bios virtual* não é alinhado de modo neutro ao lado dos campos sociais, porque ele participa ativamente da luta pelo controle das representações do real. O *bios virtual* afeta ontologicamente a própria idéia moderna do social e do exercício do poder" (Sodré, 2006, p 100) ¹².

É uma ambiência nova, um novo tipo de vida, regido pela ordem do consumo. Basta olhar em volta, como um repórter, e reparar nas vitrines, nos *shoppings*, luzes de néon, *outdoors*, cartazes e placas luminosas anunciando tudo e todos para serem vistos, ouvidos, comprados, comidos, bebidos, curtidos e consumidos. É uma explosão dos sentidos em todos os sentidos, nas áreas dos espetáculos, das artes, dos esportes, da própria configuração espacial, porque se trata da estetização geral da vida, "tendo como princípio o prazer, a fruição, além da mera satisfação de necessidades". (Campbell, Collin, 2001) ¹³

¹² Idem, p.100

¹³ Campbell, 2001. p 90-97.

A própria natureza é “naturalizada” (Habermas, colonização da vida) pelo *bios virtual*, no arranjo de paisagens (inclusive fazendas e pastagens), como na divisão entre áreas urbanas e rurais, úteis, prazerosas e outras distinções não naturais (depois da linguagem é possível algo ser simplesmente natural?). O homem corrige rios, forma reservatórios e canaliza a água, concentra gases e faz reflorestamento e pontos turísticos (*résorts* inclusos).

Em suma, abaixo, em minas e túneis, ou sobre o chão, com asfalto, pedra e cimento, onde o homem puser a mão - na construção de cidades e na energização elétrica do mundo, por exemplo - aí está o alcance da “*aisthesis*”, ao fundo e ao cabo, uma projeção totalizante dos sentidos do homem. Até no ar, com os satélites que (a) viabilizam (e) o *bios* globalmente.

O *bios* midiático é uma espécie de chave virtual aplicada à vida cotidiana.... Pode-se entrar e sair dele, mas nas condições em que vivemos (urbanização intensiva, relações sócio-mercado-lógicas, predomínio do valor de troca capitalista), estamos imersos na virtualidade midiática... Isto faz do *bios* a indistinção entre tela e realidade- realidade tradicional, bem entendido, uma vez que a realidade de hoje já se constitui sob a égide da integralidade espetacularizada ou imagística a que aspira o virtual. Trata-se de uma inflexão exacerbada do imaginário que, como bem viu Deleuze, “não é o irreal, mas a indiscernibilidade do real e irreal” (Sodré, 2006, p. 103)

Neste aspecto, é preciso realçar o papel da televisão a englobar o mundo atual, trazendo o longe (só aparentemente) para perto. Desde a presença da TV no espaço público, todas as posições sociais se modificaram radicalmente. Otávio Ianni a chama de príncipe eletrônico, considerando-a como um partido político à parte. Talvez o mais importante de todos.

“Sensível à atualidade, isto é, ao que vai pelo mundo, desde a perspectiva das classes e grupos sociais predominantes, o príncipe eletrônico produz hegemonia (dominação por consenso do dominado), mas diferentemente da ordem política tradicional, abala a identificação da soberania com o Estado-Nação, na medida em que se afirma como potência cultural de deslocamento das fronteiras regionais ou nacionais”.¹⁴

Abala-se a relação com o país e abalam-se as relações pessoais com a intensa informatização do mundo. Para Bauman, “os relacionamentos na Internet caracterizam-se pela extrema rapidez e facilidade” (2004). Isso afeta gravemente a capacidade de cultivar relacionamentos de longo prazo e, por extensão, os vínculos familiares, comunitários, amorosos e até mesmo a capacidade de aceitar o estrangeiro e o estranho.

Recentemente, foi divulgado (Doria, 2009) um estudo da Universidade do Sul da Califórnia (USC) demonstrando que as emoções ligadas a valores morais precisam de tempo para se desenvolver no cérebro. A pesquisa foi realizada pelo neurocientista de origem portuguesa António Damásio, um dos mais reconhecidos do ramo.

Qualquer notícia que envolva um drama humano só é compreendida de fato após algum tempo. O ritmo virulento da Internet ou tevê a cabo não permitem este tempo. Como resumiu um colega de Damasio na USC, o espanhol Manuel Castells, “para que exista compaixão em relação a sofrimento psicológico, precisamos dedicar um tipo de atenção emocional de forma persistente”.

“Damasio e Castells não atacam as redes sociais, espaços de conversação *online* nas quais, consideram, existe o tempo para a reflexão necessária. Mas a rapidez da tevê ou de alguns video-games os incomodam. Castells:

¹⁴ Ianni, 2003, p.142-143.

'Numa cultura midiática na qual violência e sofrimento são transformados em um programa contínuo, seja na ficção ou no infoentretenimento, começa a nascer uma indiferença a respeito do sofrimento humano.' Damásio completa: 'o que mais me preocupa são as justaposições abruptas que você encontra no noticiário. No que elas se relacionam com emoções, já que estes sistemas são por natureza mais lentos, o que precisamos dizer é: um pouco mais devagar, por favor.'¹⁵(Doria, 2009)

2.1 A ECONOMIA DA ATENÇÃO, a pauta

Face às figurações fugazes no reino das sensações, fixar a visibilidade virou um ditame e o drama da vida contemporânea, como bem descrevem autores como Douglas B. Holt, Micael Herschmann, Naomi Klein, Paul Du Gay, Joseph B. Pine e James Gilmore. Eles são analistas da cultura das sensações ou da experiência, pelas quais a sobrevivência comercial está mais no cultivo da marca (ou em uma marcante experiência - terreno do sensível, do *bios virtual*), do que na fabricação do produto ou no oferecimento do serviço em si. Tal circunstância é comprovada por várias empresas, sendo emblemáticas, a Nike, no caso da produção (não é proprietária de uma fábrica sequer), e a Starbucks, no caso do serviço (beber um simples cafezinho vira charme).¹⁶

Dentro deste quadro cultural, o jornalismo impresso tenta sobreviver entre a abundância da Internet e o emocionalismo da TV¹⁷.

“A televisão é de certa forma avessa ao pensamento. O fluxo de imagens sem hierarquia, a linguagem que estabelece sua sintaxe pela alternância de sensações, a ausência de silêncios, tudo isso conspira

¹⁵ Doria, Pedro. Blog. Acessado 29/04/09.

¹⁶ Textos do mestrado Pós-Eco/UFRJ. Pasta Micael Herschmann.

¹⁷ Abramo, Bia. Folha SP, 24/07/05

contra o pensar. O que, aliás, é justamente um dos grandes atrativos da televisão, ou seja, sua capacidade de amortecer o pensamento, fazer esquecer, alienar, é um dos principais motivos de sua popularidade” (Abramo,2005).

As notícias hoje estão se tornando *commodities*, isto é, matéria-prima como as outras, tal é o fluxo enorme e incessante da grande teia, a *web*. “A Internet é a maior força impulsionadora da comoditização que o homem já conheceu, tanto para bens quanto para serviços”, afirmam Pine e Gilmore.

Dentro dela, trava-se uma ferrenha disputa por atenção. A marca líder é o buscador Google, que para tirar o foco dos grandes portais e atraí-la ainda mais só para si, incorpora outros *top-minds* em sua carteira: “*Blogger*”, “*Youtube*”, “*Gmail*”, “*Google Maps*”, “*Google Earth*”, “*Orkut*”. Gerir a atenção, e não mais a audiência, é o que busca o Google.

É o modo básico do capitalismo cognitivo, produzir valores intangíveis da logomarca e se tornar proprietário dessa economia da atenção. “O Google já sacou que o ideal é ser dono do comunismo da atenção, enquanto as corporações midiáticas estão ainda na era do conteúdo. O conteúdo precisa ser liberado para que se possa existir novas mídias colaborativas, que serão compradas pelo Google. O Google talvez seja a mais inteligente das ‘pontas’ nesse processo inteiro”.¹⁸

Excesso de informação e escassez da atenção é o tema de Philip Meyer, professor da Universidade da Carolina do Norte¹⁹.

É na captura da atenção que ele vê chance de sobrevivência dos jornais pela estrutura de produção de qualidade que eles podem oferecer. Meyer faz uma análise detalhada dos erros de 5.100 textos jornalísticos e de como eles foram encarados pelos leitores. Uma de suas teses mais importantes é a de que o jornal não vende informação, mas influência.

Neste ambiente, o noticiário, em geral e em qualquer suporte, passa a ser influenciado por critérios meramente formais, como se já houvessem fichas

¹⁸ Malini, Fábio. [O comunismo da atenção](#). Disponível no site “Jornalismo Digital”. Acessado em 30/07/07

¹⁹ Meyer, 2007.

para serem preenchidas ou rastros (Derrida) a serem seguidos, tais como “o sucesso pessoal”, “a eficiência da produção”, “o problema fiscal do governo”, “a reforma política”, “a excelência da tecnologia”, “glórias à juventude e ao corpo”, etc., ao modo das “palavras de ordem” de Deleuze ou dos pontos nodais de Ernesto Laclau.²⁰ “As editorias são matrizes de sentidos”, segundo Sodré²¹.

Quer dizer, são matérias referenciadas, lato senso, mas desvinculadas, estrito senso, das fontes primárias que deveriam constituir o espaço público autêntico, embora o noticiário tenha que guardar verossimilhança social, para almejar legitimidade.

Por causa deste distanciamento - atribuído muitas vezes à ausência de reportagens mais contextuais, que traria maior qualidade à imprensa-, e da emergência dos novos meios, a aquisição de jornal está se tornando desnecessária para grande parte das pessoas, haja vista a queda na tiragem dos principais veículos em todo o mundo.

No Brasil foram vendidos 4,35 milhões de jornais diários em 2007 (a grande imprensa no Brasil caiu cerca de 20% em cinco anos, mas a circulação total de jornais subiu 5% no país. Este aumento de 5% foi inferior a 2007, que foi de 11,8% e a 2006, com 6,5%, o que pode sugerir uma tendência/curva de queda). Os dados são do Instituto Verificador de Circulação-IVC da ANJ.

Considerando que quatro pessoas em média possam ler um exemplar, temos cerca de 20 milhões de pessoas leitores, um pouco mais de 10% da população brasileira.

A circulação nos mercados tradicionais está em queda. Nos Estados Unidos, houve queda de 8% em cinco anos e na Europa de 1,9%, em 2007.

Mas o volume geral no mundo cresceu 9,3% em cinco anos (2,57% em 2007), segundo a *World Association of Newspapers* (WAN) anunciou em

²⁰ Aídar, José Luiz. A invenção do mesmo e do outro na mídia semanal, hiper-mídia distribuída no 1º semestre de 2008, durante seminário da Pós Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ .

²¹ Aula proferida pelo professor Muniz Sodré sobre o tema “Acontecimento”, na Pós-Eco no primeiro semestre 2008.

02/06/08, no "O Globo"²², devido ao aumento do mercado de classe média no grupo de países conhecido como BRIC - Brasil, Rússia, Índia e China.

A elevação no Brasil é atribuída pela Associação Nacional dos Jornais (ANJ) ao aumento das classes C,D,E²³ e dos jornais a elas destinados (tablóides populares)²⁴. A ANJ acredita que ainda haja espaço para crescimento "face aos índices de analfabetismo e de analfabetos funcionais" no país.²⁵

A vendagem do trio da chamada "grande imprensa" brasileira caiu.

A circulação média diária da *Folha São Paulo* regrediu de 399.654 exemplares em 2001 para 302.595, em 2007 (uma queda de 24,3%). *O Globo* diminuiu de 296.272 exemplares para 280.329 e o *Estado de São Paulo* caiu de 341.300 exemplares para 241.126 no mesmo período, segundo o IVC.

O trio da grande imprensa, Globo, Folha e Estado de São Paulo não tem um volume de circulação expressivo – 824 mil exemplares diários, em média, apenas um pouco menos do que 0,5% da população brasileira (183,9 milhões de habitantes em dezembro de 2007, segundo o IBGE, vezes a média de quatro leitores por exemplar, chega-se a 2%) - mas a imprensa no Brasil sempre teve importância política desproporcional ao seu tamanho.

Isto porque apesar da pequena tiragem, os grandes jornais pautam os demais veículos. Eles são meios de comunicação estruturados para obter e difundir informação em larga escala. Têm centenas de jornalistas contratados e treinados nesta função, ao contrário da maioria das TVs, rádios e sites, com equipes reduzidas de profissionais (com exceção da TV Globo, claro).

²² O crescimento se deu mais na Índia e na China e foi devido ao aumento da escolaridade, de tempo livre e da renda da população, avalia Larry Kilman, porta-voz da WAN. "Dizem que os jornais morreram. Não é bem assim", afirmou o presidente da associação, Timothy Balding, a mais de 1.800 *publishers*, editores e executivos de mídia no 61º Congresso Mundial de Jornais, que aconteceu na Suécia em junho de 2008 (segundo o Observatório da Imprensa, de 06/06/08).

²³ O número dos estatisticamente pobres se reduziu em quatro milhões entre 2003 e 2008, Pobre: renda per capita de até meio salário mínimo. Em 1983, era a metade do Brasil, em 2009, um quarto, segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) órgão do governo federal. Os ricos, renda superior a 40 salários per capita, cresceram também de 0,8% para 1%. "Valor Online". 05/08/08.

²⁴ Dois dos maiores jornais do país são tablóides recentes. Situação em 2007: 1) "Folha de S.Paulo", 302.595, formato standart; 2) "O Globo", 280.329, standart; 3) "Extra" (d'O Globo), 273.560, standart; 4) "O Estado de S.Paulo", 241.126, standart; 5) **"Super Notícia" (Editora Sempre/ a mesma do jornal "O Tempo", BH/MG) 238.611, tablóide;** 6) **Meia Hora (Editora O Dia S/A) 205.768, tablóide.** Os dois últimos criados neste século – o "Meia Hora" em 2005 e o "Super" em 2002. O "Extra" começou a sair em 1998. Os três são do tipo popular; vendem os 3 S :sangue, sexo, sucesso. São baratos também: custam 0,50 ao leitor. **O DIA do Rio também virou tablóide no dia 15 de março de 2009** para tentar sobreviver. Era o 10º em vendas em 2006. No ano seguinte, não estava mais entre os dez primeiros.

²⁵ Site da ANJ, "Comentários sobre o meio jornal", acessado em 10/03/09.

Esta estruturação da imprensa nacional começou na década de 50²⁶, quando o crescimento populacional e urbano favoreceu a maior circulação de jornais, possibilitando uma série de mudanças no processo de produção de notícias, quase que inteiramente copiadas do modelo norte-americano, o que deu maior credibilidade à mídia impressa.

Desde o início do século passado, nos EUA foi entronizada a dupla máxima (e questionável) da objetividade e imparcialidade, para conquistar mais compradores²⁷ e ir além dos fregueses costumeiros da velha imprensa panfletária.

“Essas mudanças constituíram um momento fundador a partir do qual o jornalismo se afirmou enquanto fala autorizada em relação à semantização do real. O discurso jornalístico passou a se revestir de uma aura de fidelidade aos fatos que lhe conferiu um considerável poder social. Hoje, é principalmente por meio de suas operações discursivas que se realiza o trabalho de investimento de sentido sobre as transformações da realidade. Isso só foi possível a partir do momento em que o jornalismo se constitui como um campo específico, com um certo grau de autonomia em relação ao campo literário e ao político. Quando se transformou numa comunidade discursiva própria, o jornalismo assegurou as condições sociais de sua eficácia”.²⁸

À autonomia correspondeu uma fase em que os jornais reinaram absolutos no campo da comunicação.

Jornais de tamanho médio nos Estados Unidos se acostumaram a margens de lucro de 20% a 40% em razão do monopólio local. No comércio varejista a margem era de 6% a 7%. Os supermercados obtinham 1% a 2%.

²⁶ Ribeiro. Ana Paula Goulart. 2007.

²⁷ Idem. Ibidem

²⁸ Idem. Ibidem.

Os maiores jornais brasileiros operam com lucros em torno de 10% a 20%, segundo Sandro Vaia, ex-diretor de redação do *Estadão* (alcunha do jornal *Estado SP*).²⁹

Agora, é diferente.

“Sem capacidade de oferecer novidades no plano da informação, os jornais diários ainda não encontraram formas criativas de potencializar e tirar proveito das aptidões interpretativas que só os meios impressos possuem. Assim, limitado tecnologicamente pelo ciclo de periodicidade de 24 horas, na rabeira da notícia, o jornalismo diário impresso repete conteúdos pensados e produzidos para alcançar o mundo pela televisão. No show do noticiário, entretanto, a festa é da televisão, grande beneficiária das tecnologias de difusão. A televisão tem a capacidade de difusão instantânea e universal, e por isso para ela se organizam os programas, cenários, as cenas, as cronologias, os movimentos, as indumentárias, as falas e o gestual(...) Porque tudo pode ser visto e ouvido pela TV na hora em que as coisas acontecem(...), desapareceu o intervalo de tempo entre o fato e a notícia, dentro do qual o jornalismo antigamente trabalhava(...)’. É um mundo novo.”³⁰

Os jornais têm sido há mais de 100 anos os principais vasos comunicantes da sociedade, tornando-se uma espécie de **boletim das elites** hegemônicas (a influência requerida por Meyer), na ordenação do espaço sócio-político-econômico³¹. Segundo Hegel, o jornal era a “oração diária do homem

²⁹ Vaia, Sandro. Entrevista a Sant’Anna, Lourival, 2008.

³⁰ Chaparro, Carlos Manuel, citado por Sant’anna, Lourival, 2008.

³¹ Merval Pereira, dia 26/04/09, n’O Globo: “a tese de que os meios de comunicação não refletem necessariamente a opinião média do eleitorado, mas apenas o pensamento das elites brasileiras, foi usada para que a grande maioria dos deputados fosse absolvida pela corporação no episódio do mensalão e

moderno". Se perdem público ou importância, quem os substituirá? O seu campo específico, o da mídia impressa, parece estar sendo substituído pelos novos meios de comunicação, principalmente a Internet, via *personal computer* (PC) ou celular. A *web* estratifica; o leitor procura somente o que lhe interessa. Onde obter uma visão geral sobre os assuntos fora da imprensa escrita?

Os novos meios debilitam a imprensa duplamente: substituem-na como veículo de informação e "facilitam" o noticiário com as conexões, via celular e Internet, entre redações e fontes. De fato, é mensurável quantitativamente a ausência do repórter nas ruas, como indica este estudo.

Quase não há protagonistas sociais na imprensa, apenas personagens. Embora, a matéria jornalística teórica inclua-se preferencialmente na categoria do **conflito social, político ou econômico**, na realidade os pressupostos políticos de constituição social não entram em discussão na imprensa, como se fossem as cláusulas pétreas da Constituição, talvez porque cada vez mais o espaço político não coincida com o espaço público, devido ao crescimento exponencial da população e à dificuldade urbana para se discutir interesses gerais e acompanhar o desempenho dos representantes políticos. "O tempo econômico é diferente do tempo político", advertia o ex-ministro Pedro Malan, da Fazenda, do governo Fernando Henrique Cardoso (1995/2002).

Desde o princípio de sua profissionalização, final do século XIX, a imprensa busca se legitimar como defensora do interesse público, embora confunda às vezes "a política" com a "pequena política", (Gramsci), isto é, trate mais das querelas partidárias, dos jogos de poder burocráticos do que da discussão das grandes questões sociais e comunitárias (vide anexa lista de matérias como exemplo).

Walter Cronkite, o famoso ex-apresentador da *CBS News* (foi por 19 anos, diariamente, às 20 horas), considerado a "voz da consciência da América", afirmava que "imprensa e mídia são inseparáveis, embora inconciliáveis". É a mesma idéia veiculada no Brasil por Millôr Fernandes: "imprensa é oposição, o resto é secos e molhados".

serve para nivelar por baixo a nossa política". A elite a que me refiro compreende o estrato dominante em todas as classes sociais, inclusive as mais pobres, que também têm suas lideranças leitoras.

Esta postura de “juiz da causa pública” faz com que os jornais corram sempre atrás de algo que tanto pode ser de fato de interesse público, como pode servir apenas para aumento da vendagem. São célebres o caso *Watergate*, que provocou a renúncia de Richard Nixon, presidente dos Estados Unidos, em 1974, e a renúncia do presidente Fernando Collor de Melo, no Brasil, em 1992, momentos de auge da imprensa, quando ela confirma, propaga e trombeteia seu valor social e ganha credibilidade.

As campanhas de denúncia dão legitimidade à mídia, porque o público precisa de algum mecanismo de vitimização. É preciso estar permanentemente elegendo algum culpado, como afirma René Girard³². Segundo ele a busca por bode expiatório está na origem de todas as culturas. Muniz Sodré já apontou para o expediente de “jurisdicionalização” da mídia³³, e Merval Pereira dela se ocupou também, em outro viés, nas colunas dos dias 20 a 22 de março, n’ O Globo. Nelas, ele indaga sobre a presença constante da justiça, em especial do Supremo Federal, nas decisões políticas, ocupando o lugar que seria do legislativo.

Uma matéria, que ilustra uma campanha atual da mídia, é a que se segue:

“Patrimonialismo

BRASÍLIA - Chama-se patrimonialismo o fenômeno em curso a céu aberto na Câmara e no Senado. É o fim das barreiras, já frágeis, entre o público e o privado. Três casos são mais visíveis. O do deputado do castelo, que usou dinheiro público para pagar serviços em suas próprias empresas. Depois teve aquele cuja empregada doméstica recebia salário da Câmara como secretária parlamentar. Por último, o episódio dos “loucos por jatinhos” - os senadores que bateram no peito, com testosterona à flor da pele, bradando para o mundo que não há nada de mais em alugar regularmente esses aviões com o dinheiro de impostos. Essa desconexão patológica do Congresso com o mundo real chegou ao paroxismo. Os políticos reclamam. Acham o noticiário às vezes parecido com um diário oficial da antiga UDN, clamando por decência. Não há muita saída para jornais e telejornais -exceto os amigos de sempre do poder - a não ser continuar a relatar esses fatos.

³² Girard, René. “As coisas ocultas desde a fundação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo vitimário”, Paz e Terra. RJ. 2009.

³³ No site do www.observatordaimprensa.com.br. Fevereiro 2008.

Outro dia, na Câmara, Ciro Gomes quis me passar um pito. Ralhou comigo por causa de meu desinteresse pela votação em plenário. Mas como haver interesse por leis cuja tramitação ainda levará dias ou meses quando na mesma semana um amigo de Ciro, o senador Tasso Jereissati, proclama haver justiça no uso de quase meio milhão de reais para fretar jatinhos?(grifo meu).

A competição entre a produção legislativa (quase sempre medíocre) e os sucessivos escândalos é desleal. O espírito de corpo dos congressistas também não ajuda. É raro ver um clube tão unido como esse, sobretudo nas más horas. No meio de uma sessão de descarrego a favor de Tasso, o presidente nacional do PSDB, Sérgio Guerra, lembrou o fato de que seu colega cearense é rico. E disse: "O senhor paga para ser senador". OK. Mas quem paga para Tasso fretar jatinhos é o contribuinte brasileiro.

Fernando Rodrigues, Folha SP, 06/04/09. Pag. 02"

Luhmann diz que "a moral precisa das coisas que são claramente escandalosas para se renovar ao longo da história; precisa dos meios de comunicação e, em especial, da televisão".³⁴

Mas é preciso mais do que a mera exposição ou expurgação de dores sociais e sofrimento pessoal para uma tomada de posição política emancipadora.

Luhmann diz também que "o tipo de auto-observação que a sociedade faz", através dos meios de comunicação, "é uma constante produção de problemas que exigem soluções, que produzem problemas, que exigem soluções"³⁵- temas que a mídia transforma em informação.

Bauman afirma que "a visão dos pobres faz os não-pobres serem mais obedientes".³⁶ Parafraseando: a "sujeira" da política faz-se dela desacreditar cada vez mais, o que é perigoso para a democracia. De fato, os jornais estão e nos colocam em "sinuca". Qual é a saída?

Luhmann diz que os meios de comunicação têm uma "grande dificuldade de lidar com a política, a ciência e o direito"³⁷, porque precisam de generalizar os assuntos para alcançar audiência em qualquer setor da sociedade.

³⁴ Luhmann, Niklas. 2005.

³⁵ Idem. Ibidem

³⁶ Bauman. Zygmunt. 2008

³⁷ Luhmann, 2005.

A jornalista Patrícia Maurício, doutoranda da UFRJ, em sua dissertação de mestrado sobre o jornalismo econômico no Rio de Janeiro, cita os livros *De la justification* e *Le nouvel esprit de capitalisme* de Luc Boltanski para dizer que a justificação do capitalismo se dá precisamente nos meios de comunicação.

“O bem individual passa a ser sacrificado em nome do bem comum, representado pelos interesses das empresas capitalistas. O autor reflete sobre como se faz pessoas aceitarem o capitalismo sem se beneficiar dele. De acordo com ele, a retórica sedutora de convencimento passa pela idéia de que aquela benfeitoria, aquele progresso, chegará a todos, bastando dar tempo ao tempo, e que existe uma apologia dos benefícios das transformações tecnológicas. Para Boltanski o capitalismo tem que justificar o tempo todo a concentração de renda, os excluídos e a violência que é obrigado a praticar. Essa justificação passa pelo que ele chama de ordens de grandeza, basicamente quem é mais importante, tem mais valor, recebe mais ou primeiro. Essas ordens de grandeza devem estar suficientemente claras na cabeça de todos para que as coisas possam evoluir com naturalidade” (Patrícia Maurício, 2008).

Na mesma dissertação, a jornalista reproduz fala do professor Emanuel Carneiro Leão sobre a política:

“A política hoje não existe. Foi totalmente sufocada pelos interesses econômicos. Tudo é uma questão de mercado. A globalização é tornar o mundo mercado, com os valores do mercado. A política revolucionária supõe uma pluralidade de políticas e a escolha de uma, deixando em aberto outras possibilidades. Mas

o neoliberalismo só torna possível um tipo de política, e, por isso, as sucessões não incomodam. Mesmo quando partidos de oposição tomam o poder, ainda assim seguem a mesma ordem econômica.

A estrutura do Estado de direito era constituída por um povo que era fonte do poder, que distribuía o conjunto de leis, execução e julgamento. Mas as três organizações são comprometidas quando o político se subordina ao econômico, ao lucro. Alguns direitos que estão na Constituição são violados porque prejudicam o funcionamento econômico. Nós, na prática, não vivemos num Estado de direito. Se a Previdência Social tem um rombo, não se leva em conta o direito daqueles que a vida pagaram para ter assegurada a sobrevivência depois da aposentadoria.” (Patrícia Maurício, 2001)

O jornalismo é dominado pela ambigüidade. Ao mesmo tempo em que propugna pela liberdade de expressão, imprensa e reunião, age com a lógica mercantilista própria das empresas que, afinal, o constituem.

O jornalismo é o esteio da mídia, onde ela se baseia, se desenvolveu e ganhou vida nova sob o nome de comunicação social. Mesmo no âmbito da “estrela” da mídia, que é a televisão, o jornalismo (inclui esporte) é um dos dois eixos principais de atração, junto com a novela. Complementa a grade: filmes e eventos (shows e Projeto Aquarius, Criança Esperança, Ação Global, Projeto Caminhar, etc.- é a TV intervindo diretamente nas ruas como protagonista).

Na Internet cumpre a mesma função - é um dos mais fortes elementos de captação de audiência, (57% buscam notícias, mais da metade do público, diz Ibope, nota à frente), ao lado dos sites de relacionamento, captação de música e exibição de filmes e fotos.

O mundo virtual parece ser o destino natural dos periódicos, que para lá, como já disse, carregam uma grande vantagem: têm marca, um bem ainda

escasso na grande rede, e público formado. O jornal está se adaptando à *web* até porque será mais barato emitir notícias eletronicamente, via Internet, do que imprimir e distribuir em papel. Mas ainda não há receita suficiente para cobrir os custos de obtenção da notícia³⁸. Este é o desafio do momento.

A Internet é o alvo da mais recente promoção de "O Globo": "*on time, on line, full time*", slogan repetido em anúncios de páginas inteiras, de meia página, de uma coluna, em *spots* nos rádios (CBN, Globo) e TV, flashes, flyers, banners e pop-ups na internet, em todos os veículos da organização. Na campanha publicitária baseada no conceito "GLOBO: muito além do papel de um jornal", a empresa quer preservar a sua marca "esteja onde estiver a notícia", destaca. "Site e jornal viram marca única", proclama o diário carioca na página de lançamento da campanha³⁹, no dia 21 de setembro de 2008.

Segue a mesma pretensão do "*New York Times*", cujo editor, Arthur Sulzberger, afirmou que os jornais (*newspapers*) não podem mais ser definidos por sua segunda palavra - *paper*.

"Eles têm de ser definidos pela primeira – notícia (news)... Não importa quando rodaremos nossa última edição impressa. Continuaremos sendo a grande fonte de notícias e de informação neste país e talvez no mundo. Vamos fazer na web. Vamos fazer na televisão. Vamos fazer no impresso" ⁴⁰.

Por isso, lentamente, a transferência de publicidade para a Internet vem acontecendo, tendo crescido **47,17%** até setembro de 2008, comparado com o mesmo período de 2007. Segundo a revista "Meio & Mensagem", citada pelo site "Comunique-se", no dia 20/11/08, a publicidade cresceu em todos os meios de comunicação.

³⁸ *New York Times* gasta US\$ 200 milhões por ano. Está cogitando cobrar um dólar pelo acesso ao seu site. Como tem 20 milhões de visitas por mês, faturaria 240 milhões anuais, segundo o Comunique-se de 16/02/09.

³⁹ "Se a informação fosse líquida, a engarrafaríamos" e, sob a imagem de ventiladores, "se fosse ar, a soprariamos". "*On line, on time, full time*" é o slogan principal, seguido da mensagem: "escrito por nós, por você, pelo seu vizinho", chamando o leitor à participação, incentivada por *out-doors* espalhados por todo o Rio de Janeiro: "se a praia está suja, fotografe", entre outras sugestões.

⁴⁰ Gates, 2002.

Pela ordem de crescimento (*entre os parêntesis está a posição no faturamento*): Internet (6º lugar), TV paga (5º lugar), cinema (7º lugar), rádio (4º lugar), revista (3º lugar), jornal (2º lugar) e TV (1º lugar).

A internet teve o maior crescimento e faturou R\$ 519 milhões; a TV por assinatura ficou em segundo lugar, crescendo 30,34% e alcançando um total de R\$ 557 milhões. O cinema registrou taxa positiva de 25%, com R\$ 61 milhões de faturamento. O rádio ficou com R\$ 649 milhões e 22,76% de crescimento. Logo atrás vem o veículo revista, com 21% de aumento e R\$ 1,3 bilhão de rendimento. O **meio jornal** teve um crescimento de **15,5%** e uma receita de **R\$ 2,5 bilhões**. Por último, em crescimento, está o veículo **TV**, com um percentual de 14,17%, mas com o maior faturamento: **R\$ 9 bilhões**.

O levantamento exclui o período da crise mundial que começou exatamente em setembro de 2008.

2.2 A GRANDE IMPRENSA, o personagem e a reportagem

“Através dos tempos, o poder da comunicação fez e faz parte das culturas dos povos, desde os primórdios até os dias atuais. Quando o homem passa a articular suas primeiras falas ou, quando ele gesticula ou produz som para se fazer compreender, ele usa esses meios para chamar a atenção dos demais e, com isso, adquirir para si, o poder de se fazer notar. Ao pintar seus medos, suas crenças e suas bravatas no interior das cavernas, ele passa também a se comunicar através do visual”.⁴¹

A palavra e imagem são desde os povos da pré-história para **centralizar o poder e transformar a realidade** (*grifo meu*), segundo Briggs e Burke(2006). Às literais xilogravuras da Idade da Pedra Lascada, sucedem, por exemplo, os monumentos e murais da Idade Antiga, feitos por egípcios,

⁴¹ Briggs, Asa; Burke, Peter. 2006.

mesopotâmicos, hebreus, gregos e romanos, e a santeria da Idade Média, a impressionante coleção de objetos católicos, composta por gravuras, afrescos, pinturas, vitrais. A própria arquitetura espetacular das igrejas pretende recordar ao homem sua pequenez e grandiosidade, ao mesmo tempo, perante o Senhor, de quem é imagem e semelhança.

Hoje, a TV expande este poder de modelização social ao extremo, com suas estratégias sensacionais de apelo fácil e imediato aos sentidos.

O jornalismo tem sido o canal de ligação, total ou parcial, das sociedades nos últimos dois a três séculos; uma espécie de semeador de assuntos para as conversas e decisões comunitárias. (É bem verdade que a metrópole muda esta posição relativa, envolvida por novas pressões, como a populacional, embora a presença de grupos hegemônicos continue a fazer da imprensa câmara de eco de seus interesses para toda a sociedade).

O jornalismo desde a sua origem catalisou as mudanças que vinham ocorrendo no Ocidente, “ajudando-as mais do que as originando”⁴², como a Renascença, a Reforma e a revolução científica.

Briggs e Burke chamam a atenção para uma das funções desta nova área social, com o exemplo de *The Spectator*, fundado em 1711 na Inglaterra, “cujo objetivo declarado era trazer a filosofia para fora das instituições acadêmicas, para ser tratada em clubes e assembléias, em mesas de chá e cafés”. O jornal cobria desde questões morais e estéticas até a última moda em luvas e já no primeiro número solicitava a participação do leitor, através de cartas - um tema, aliás, atual, o da interatividade, cuja encenação a mídia pós-moderna efetua via divulgação de vídeos e acolhendo sugestões de matérias. “Eu - o leitor” é uma seção de “O Globo” que publica reclamações; outros jornais têm editorias equivalentes, além da coluna de cartas. É o jornal cativando seu público e formando expectativas (Baudrillard diz que a mídia cria a sua audiência⁴³)

“Dois exemplos concretos de como ajudar a moldar as atitudes de seus leitores referem-se

⁴² Briggs, Asa e Burke, Peter. “Uma história social da mídia”. Zahar Editor. 2004. RJ.

⁴³ *apud* Sodré, Muniz, obra citada.

ao suicídio e ao ceticismo. Em *Sleepless Souls* (Almas insones, de 1990), Michael MacDonald e Terence Murphy escrevem que o estilo e o tom das histórias dos jornais sobre suicídio promoveram uma atitude secular crescente e simpática sobre esse ato no século XVIII na Inglaterra. Essa impressão foi-se criando pela frequência dos relatos que mostravam o suicídio como coisa comum. As cartas dos que se matavam eram publicadas nos jornais, permitindo aos leitores ver o evento do ponto de vista dos atores, sendo que essas cartas, por sua vez, influenciavam o estilo de outras deixadas por suicidas posteriores”⁴⁴

Talvez por isso, o suicídio, ainda hoje seja um tema tabu para os jornais. O jornalismo foi acusado também de incentivar o ceticismo, ao publicar várias versões para o mesmo acontecimento, embora a historiadora americana, Elizabeth Eisenstein, que notou este fato, tenha assinalado que “essa divergência era importante, porque dava margem a crítica à autoridade”. Ela observou também que, a longo prazo, as publicações padronizam e preservam o conhecimento”.⁴⁵

Padrões que, genericamente, contribuíram e continuam a contribuir para a constituição da opinião pública, “termo que tem seu primeiro registro em francês por volta de 1750, em inglês, em 1781 e em alemão, em 1793”, segundo Briggs e Burke. Habermas redefine-o, “oferecendo um argumento sobre um argumento”: ao invés do consenso sugerido pelo termo “opinião pública”, propõe a “esfera pública burguesa liberal” como uma arena de debates que, ao longo do século XVIII (estendido a 1690), foi crucial para o aparecimento da argumentação racional e crítica⁴⁶.

“Ele foi criticado por oferecer uma visão utópica e ter dado pouca importância a setores minoritários da sociedade, como as mulheres e

⁴⁴ Briggs, Asa; Burke, Peter, obra citada.

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

⁴⁶ Habermas. “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, de 1962.

os homens comuns. As novas técnicas do século XX, com o rádio, a televisão e a propaganda, mudaram totalmente o contexto da tese de Habermas, como ele próprio reconheceu”, (Briggs e Burke, 2006)

Sodré considera que “o excelente ponto de partida habermasiano foi, infelizmente, também o seu ponto de chegada”,⁴⁷ porque a noção de esclarecimento mútuo, idéia-chave para o pensador alemão, perde-se na realidade da correlação de forças políticas e econômicas, na qual prevalece a hegemonia da classe dominante, afinal a falante principal no diálogo dito democrático.

O “jornalismo cidadão” imaginado por Habermas poderia ser viabilizado pela *web* que se caracteriza pela interatividade⁴⁸? O fato é que por causa disso está mudando o modo de se fazer jornalismo, tanto impresso como televisivo⁴⁹, daí o insistente apelo dos jornais para a participação do leitor.

O modelo no qual as empresas de comunicação se firmaram nas últimas décadas nos EUA está sendo revisto e o ritmo da mudança se acelerou em 2007. É o que afirma relatório de 2008 da Universidade de Columbia, de Nova York, que divulga anualmente “O Estado da Mídia” (“*State of the News Media*”).

“A transformação pela qual o jornalismo passa é histórica, tão importante quanto a invenção da televisão ou do telégrafo, talvez tanto quanto a invenção do processo de impressão em si”, afirma o estudo que recomenda como conteúdo o “hiper-localismo” - cobertura exaustiva da comunidade local-; a “valorização de marcas”, ou seja, maior exposição das “grifes” jornalísticas; e a existência de público e lugar tanto para artigos que aprofundem e organizem assuntos do dia anterior como para textos superficiais, curtos ou sobre celebridades.

“É como se a empresa de comunicação fosse um *shopping center* e o jornal, sua loja-âncora”, escreve Tom Rosenstiel, um dos autores. O “Estado da

⁴⁷ Entrevista à revista “Pesquisa”, da FAPESP, nº 149, julho de 2008.

⁴⁸ Rónai, Cora. Criadora do suplemento de informática de “O Globo”. No “Observatório da Imprensa”, TV Brasil, 24/03/09.

⁴⁹ Os finais dos programas de TVs remetem todos aos sites respectivos da organização.

Mídia" calcula que, por dia, cerca de 51 milhões de pessoas ainda comprem um exemplar de jornal e no total 124 milhões leiam um jornal nos EUA. Esse número representa 41% da população norte-americana.

A adaptação à nova realidade digital inclui integrar redações do impresso com o serviço *on-line* (causando problemas trabalhistas neste particular; recentemente, dia 1º de abril de 2009, os jornalistas começaram a bater ponto nas redações cariocas, para o espanto de velhos profissionais que, romanticamente, declararam: "a notícia não tem hora para acontecer").

O deslocamento de leitores na imprensa ocorre porque os novos meios como a Internet e o celular trazem consigo a noção do imediato, própria da cultura digital (SIG na sigla de Muniz Sodré: simultaneidade, instantaneidade e globalidade), a qual os jornais não conseguem acompanhar. Ritmo que, na verdade, já começara a se acelerar com a TV analógica, o que faz com que a edição dos jornais, para compensar a deficiência na atualização de notícias, busque ficar próxima das características estéticas predominantes no *bios virtual*. Por isso, os títulos e as manchetes em tipologia maior, fotos abertas, cores e infografia, afora temas extraídos da TV e expressões mais próximas à oralidade.

Philip Meyer⁵⁰ acredita que os jornais possam manter a clientela, pois, têm credibilidade para isso, como indicam algumas pesquisas de opinião⁵¹.

"Um jornal influente terá leitores que confiam nele e, em conseqüência, ele valerá mais para os anunciantes", diz Meyer. Ele demonstra que há uma correlação positiva historicamente comprovada entre qualidade e sucesso comercial, embora ressalte não ser possível estabelecer com a mesma certeza o que causa o que (se a qualidade resulta no sucesso ou provém dele).

⁵⁰ Meyer, Philip. 2007.

⁵¹ A CDN (sigla da Companhia de Notícias), assessoria de imprensa (recém-vencedora de licitação federal, janeiro de 2009, para divulgar o Brasil no exterior) faz pesquisa bi-anual com 500 executivos (300 em SP, 200 no Rio). Em 2008, constatou-se a permanência do meio jornal como a mais confiável fonte de informação (100%), embora tenha aumentado de 61% (em 2005) para 94% a consulta à Internet. Perguntou-se por quais dos veículos se informavam, valendo resposta múltipla. Revista aumentou de 64% para 92% e rádio de 63% para 77%. TV foi de 93% para 94%. Quer dizer, todos os meios foram consultados a mais. Mas a constância do jornal permanece em 1º.lugar com 40%, seguido da internet, 36%, TV, 14%, rádio, 11% e revista, 4%. Considere-se que nesta sondagem destacou-se o jornal "Valor", de notícias econômicas, como o mais consultado. O tipo de público influencia nos índices das respostas.

Ele acusa os administradores da maioria dos jornais norte-americanos de terem respondido mal à crise provocada pelo avanço da Internet no mercado de classificados e na publicidade geral: em vez de investir mais na qualidade, comprometeram-na com cortes de custos e de pessoal nas redações.

Com isso, cresceram os erros, caiu a confiança dos líderes de opinião (a começar pelas fontes dos próprios jornalistas, a quem Meyer confere um papel muito especial na avaliação social dos meios de comunicação), a credibilidade ficou em xeque. Se “quiserem influir de fato na sociedade os jornais terão de apostar na qualidade”, diz⁵²

Qualidade é uma palavra mágica dos críticos e especialistas, que diz tudo e nada ao mesmo tempo. O que será isto?

Uma mudança mais profunda, lenta, nem tanto sutil, poderosa e, talvez, irreversível, pode estar se passando na estrutura da profissão, na forma de captar o noticiário, que, talvez tenha a ver com a qualidade requerida por Meyer.

Ao invés de repórteres, conforme vinha se construindo desde o final do século XIX, o jornalista está virando um editor.⁵³ Isto é, agora o jornalista edita o noticiário que recebe de várias fontes, quase não mais presencia o que está ocorrendo, nem mesmo sabe da origem primária dos fatos (como era normal nos primores do jornalismo).

O sujeito que ia atrás das notícias onde elas estivessem dificilmente consegue sair dos espaços noticiosos tomados pelo governo e instituições⁵⁴,

⁵² Meyer, Philip.

⁵³ E mais recentemente, um “ator”, a julgar pela aparição diária “de quem faz a notícia” na segunda página de “O Globo”, maculando uma regra sagrada do jornalismo impresso: repórter não pode aparecer, o que, aliás, já tinha sido ultrapassado, claro, pelo tele-repórter.

⁵⁴ Diga-se, espaços públicos que estão sendo tomados também por marginais, sejam bandidos literais ou oficiosos, como as milícias no Rio de Janeiro e os capangas pelo interior afora. A propósito, o Brasil está colocado em 13º colocado, acima apenas da Índia, no Índice da Impunidade, divulgado pelo Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ), a serviço da ONU, no dia 4 de março de 2009. “Embora as autoridades brasileiras tenham sido bem-sucedidas em promover ação penal contra alguns assassinos, esses esforços não diminuíram a alta taxa do país de violência mortal contra a imprensa”, diz o texto da ONG americana,

ambos aparelhados para fornecerem o combustível das redações, a matéria, que cada vez mais está virando, já dito, uma “commodity” - material reciclado por vários canais e veículos de acordo com a especificidade do meio - notas curtas, curtíssimas, muito comuns nos aparelhos e formatos de mensagens do bios virtual, ou mais longas, com ou sem som e imagem.

Os jornalistas estavam acostumados a ser, se não as testemunhas principais do fato, do acontecimento - bordão, aliás, de um dos mais famosos programas de rádio brasileiro, o “Repórter Esso”, com Heron Domingues, “testemunha ocular da história” - pelo menos, a procurar por eles em primeira mão. Esta era a atribuição do repórter fuçador, chato, perquiridor, inconveniente, a fustigar as autoridades ou quem quer que fosse a revelar “tudo o que era de interesse público e que estivesse escondido”, conforme uma das definições de notícia; ou apenas observar o redor, para ser registrado, com atenção compassiva, o mais das vezes indignada. Esta era a sua especialidade, a sua razão de viver.

Isso não significa que a reportagem esteja definitivamente enterrada, mas é sintomático que em dez dias dos meses de setembro e outubro de 2008 (cinco dias de cada mês) foram publicadas menos de 30 manchetes com protagonistas comunitários na grande imprensa. É uma quantidade mínima, considerando que se publicaram cerca de 450 chamadas, neste período, somando as capas do “Globo” (incluindo segunda página, uma contracapa também com chamadas, típica deste jornal) “Folha SP” e “Estado SP”. Ou seja,

ao anunciar a estréia do Brasil na lista que possui 14 países. A metodologia utilizada pelo Comitê divide o número de assassinatos de jornalistas não resolvidos no período de 1999 a 2008 por milhão de habitantes. Para um país entrar na lista, este índice deve ser igual ou maior que 5, exatamente o índice do nosso país, o que equivale a ter cerca de 40 homicídios sem resolução na última década. De acordo com o CPJ, além do Brasil, Colômbia (16 casos) e México (índice seis) são os únicos países latino-americanos a integrar o ranking. Os demais são países em guerra, como Iraque (em 1º lugar com 188 casos) e Afeganistão, ou com casos de conflitos civis, como Serra Leoa e Somália.

menos de 10% foram assuntos originados da população. A fonte da maioria era do Estado (os três poderes e seus organismos) ou de um especialista.

Justifica-se a escolha das capas⁵⁵ para a análise porque elas são a “cara”, a “vitrine” do jornal, como se diz no jargão, o modo que eles querem ser conhecidos (e vendidos) socialmente.

Porém, não se supõe ter examinado toda a edição que se compõe de diversos outros elementos, como editoriais, artigos, crônicas e colunas, cartas dos leitores, etc., além das notícias pura e simplesmente não “chamadas” na primeira página. Nem se credita valor maior à angulação via capa em si, porque **às vezes uma só matéria, ou série de matérias sobre um tema (*grifo meu*)**, é mais importante do que todo o volume restante. Como, por exemplo, a campanha d’O Globo “É ilegal. E daí?”, que gerou a plataforma política do atual prefeito do Rio, Eduardo Paes, e as providências consequentes a esta proposta de arrumar a cidade.

Mas, a seleção aqui analisada é um indicativo forte da linha editorial e do público que constitui a peculiar relação audiência/ator-autor, núcleo básico da retórica⁵⁶.

Na primeira semana de janeiro de 2009 (**anexo**), a proporção se repetiu: houve 254 chamadas, nos três “jornalões” (apelido da grande imprensa) mais o “Jornal do Brasil”, sendo apenas 12 com protagonistas sociais.

São protagonistas sociais, as seguintes entidades: organizações não-governamentais, movimentos sociais, iniciativas e atividades populares e fontes não governamentais⁵⁷ das áreas de educação, saúde, esporte (não de alto desempenho) e cultura (se coletiva, para tentar evitar o marketing pessoal). Enquadram-se, também, neste caso, as vítimas coletivas, como no caso de desastres ou epidemias. Incluem-se nesta categoria, os arrastões e “bondes”

⁵⁵ O professor José Luiz Aida Prado, da PUC-SP, fez levantamento das capas das revistas semanais, que apresentou em seminário na Pós-Eco, no primeiro semestre de 2008.

⁵⁶ *Apud* “Tratado da Argumentação”, de Chaim Perelman e Lucie Olbrecht-Tyteca, Ed. Martins Fontes, SP, 1996.

⁵⁷ Nem consultores/especialistas reconhecíveis, isto é, famosos, isto é, “manjados”.

dos ladrões: há, por exemplo, uma chamada sobre assaltos a comerciantes na Rua da Passagem em Botafogo, no período pesquisado.

Não é totalmente arbitrária, como qualquer classificação o é, porque é possível separar o mundo noticiado com declarações oficiais e o outro observado em suas relações individuais, sociais e institucionais. Um “declaracionista”, outro, relacional (sem que signifique, porém, a vinculação comunitária de que tratam Raquel Paiva e Muniz Sodré, sobre a qual falarei mais adiante).

Os grandes jornais se ocupam com as ações dos governos, muito principalmente federal, da política partidária, da economia, do crime, dos esportes e das celebridades. E da ordem urbana: transportes/trânsito e logradouros públicos (praças e praias, no Rio, com um acento especial à mendicância).

Apenas um exemplo. “O Globo” do dia 1º de outubro de 2008 trouxe a manchete: ***“Governo abandona otimismo e decide mudar orçamento”***

Como chamadas de matérias coordenadas ao assunto principal, dentro do mesmo espaço gráfico (um caixotinho) vieram os seguintes títulos: 2) ***“A reação dos mercados”*** (queda das bolsas, grifo meu), 3) ***“O Brasil na crise”***, 4) ***“Governo Bush faz ajustes ao plano para levá-lo ao Senado”***, 5) ***“Dólar em setembro tem a maior alta em seis anos”*** e para dois artigos na mesma linha, um de Joseph Stiglitz (Prêmio Nobel), 6) ***“Pacote terá pouco efeito sobre economia”***, e o outro, de Richard Cohen, 7) ***“BC dos EUA sabe bem o que temer”***, ambos economistas articulistas frequentes no jornal.

Em seguida, vieram as demais chamadas:

8) Minc admite rever lista que publicou sem ler

9) ***Paquetá já tem violência e facções***

10) Exército dispensa recrutas por falta de verbas

E sob a chapeleta, **ELEIÇÕES 2008:**

11) **Vans desafiam a lei e atacam Eduardo Paes**

12) Paulo Ramos, 1%, inviabiliza debate

13) César explode gasto com pessoal

Outra chapeleta, **"Segundo Caderno"**:

14) Gigante nos anos 90, Oasis chega burocrático aos 7º disco

Mais um sobre-título, **"Rio Show"**:

15) Festa para o melhor da gastronomia(promoção do jornal sobre restaurantes e comidas da Zona Sul, de preferência)

Outro sobre-título: **"Carro etc"**:

16) Voyage retorna renovado para disputar mercado dos sedãs compactos

17), e uma charge do Chico sobre o encontro de três presidentes latino-americanos, Chávez, Corrêa e Evo Morales, com Lula, em Manaus, vestidos a caráter.

Quer dizer, em 17 chamadas, apenas duas podem ser consideradas como reportagens, a de Paquetá e as das vans, originadas do olhar direto do repórter (assim mesmo ambas podem ter sido articuladas por algum interessado, como no caso do candidato à época, Eduardo Paes, que veio a vencer a eleição para a prefeitura do Rio).

Este dia é exemplar (com índice até maior do que o normal - mais de 10% do total) do que acontece nos jornais da grande imprensa, que pude verificar nas primeiras semanas de setembro e de outubro de 2008 (cinco dias cada) e de janeiro de 2009 (sete dias).

Por esta divisão nota-se que as matérias jornalísticas vêm de dois mundos nítidos, bem separados pelos mecanismos próprios de seleção da imprensa, reflexo de seu papel e da função que se atribui na sociedade.

Há o mundo maior, semi-oficial, que cuida dos personagens principais da sociedade brasileira; em outras palavras, a ordem do poder hegemônico: política no estrito senso, incluindo a econômica e a de segurança social. E outro, menor, que trata da população como fonte originária, primária, dos assuntos. O noticiário internacional segue exatamente a primeira grade - política, economia, esportes e polícia, oficiais ou oficiosos, além das intempéries e das infactíveis celebridades, claro.

O jornalismo é um método de descrição da realidade e como tal uma forma de construção dessa mesma realidade. Necessariamente ao obter uma informação, um dado, o repórter faz um enquadramento, ilumina o que quer ver, o que sabe ver, o que tem condições de entender e absorver, criando assim a apreensão do real, daquele real, à sua maneira, que vai se agregar ao estilo da empresa divulgadora a que serve e conseqüentemente (in)formar o seu público. *"Eu não faço a realidade, a descrevo"*, é outro dos jargões da profissão.

Ao que o professor Clóvis de Barros Filho, livre-docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) observa:

"Se o jornalista mostra o mundo como ele é, ele não tem responsabilidade; é como o vento que não pode deliberar para onde venta. O jornalista só poderia ter responsabilidade se o jornal fosse um mundo possível em detrimento de outros mundos possíveis, descartados por ele, jornalista".⁵⁸

Mas, de qualquer forma, a dependência da personagem ou da fonte, única ou coletiva, é constituinte da imprensa.

Luhman tem uma explicação interessante para este fato:

⁵⁸ Barros Filho, Clóvis. 2009.

“De um lado as pessoas que aparecem na história vão se tornando cada vez mais conhecidas, têm nome, desempenham ações, conhece-se seu passado. Elas se individualizam por meio de suas próprias histórias. As pessoas simbolizam a unidade do conhecido/desconhecido, traduzido como diferença entre passado/futuro; servem como símbolos palpáveis do tempo, precisam ser individuais de tal forma que se tornem visíveis, mas, com isso, um outro lado dessa forma de observação permanece deixado a parte, a saber aquele que poderia talvez fornecer possibilidades totalmente diferentes de separação e reintegração do passado e do futuro, por exemplo, **por meio da organização**”⁵⁹. (grifo meu)

Entre os dois mundos, “declaracional” e relacional, pode ser que esteja surgindo um “novo jornal”, no sentido genérico, coletivo e autônomo, original, comunitário, virtual. Stephen Johnson crê numa “revolução da Internet, de baixo para cima, espontânea, assim como se agregam e se organizam as formigas, a ‘setorização’ comercial nas cidades e a própria auto-constituição do cérebro”.⁶⁰

Afora o entusiasmo tipicamente interessado (ele foi editor-chefe e co-fundador da *Feed Magazine*, revista *bench marking* da área, coordena o site *Outside.in*), talvez estejamos presenciando algo semelhante ao que Habermas mostrou no Renascimento, como o jornal-empresa surgiu com o fim do feudalismo e a mudança estrutural do espaço público. Para alguns autores, os *blogs* seriam uma volta ao passado, anterior ao jornal, à época vitoriana. É o que afirma John Lloyd, autor de *“What the Media Do to Our Politics”* (O Que a Mídia Faz para Nossa Política)⁶¹.

⁵⁹ Luhmann, Niklas. 2007

⁶⁰ Johnson, Steven. 2007.

⁶¹ Lloyd, John, 2009.

Ele acredita que os *blogs* e a *web* marcarão um retorno ao jornalismo dos séculos 17 e 18, um período empreendedor, no qual pessoas que tinham algo a dizer montavam seus negócios e publicavam panfletos e boletins noticiosos. “Também vivemos um período de maior incerteza, o que lembra a era vitoriana, quando os jovens aspirantes a literatos, vestidos com trajes modestos, ganhavam a vida trabalhando arduamente em um mercado formado majoritariamente por *free-lancers*”.

“Os últimos 150 anos foram a era do jornalismo heróico, um período em que os jornalistas desenvolveram sua auto-imagem como responsáveis por corrigir os males da sociedade. O período produziu testemunhas do horror, tais como William Howard Russell, do “The Times”, cujos artigos sobre a Guerra da Criméia ajudaram a destruir um governo e a modernizar o Exército britânico. Houve jornalistas como o escritor francês Émile Zola, que colocaram sua pena a serviço da indignação, diante das falsas acusações movidas contra o capitão Alfred Dreyfus”⁶².

Nos anos 1960 em diante, uma legião de repórteres investigativos foi imensamente beneficiada pela fama e pelo status de Ed Murrow, jornalista de rádio e TV CBS nos anos 1950, e pelos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward, do “*Washington Post*”, famosos por suas reportagens sobre o caso *Watergate* no começo dos anos 1970. “A paisagem atual está repleta de grandes fábricas de notícias que estão perdendo espaço e mostrando sinais de debilidade”(Lloyd, 2009).

A divisão de notícias da CBS, criada por Murrow, hoje conta com apenas alguns correspondentes estrangeiros. O “*Le Monde*”, fundado por Hubert Beuve-Méry, está lutando para sobreviver. O “*Daily Express*”, uma presença dominante no mercado britânico médio, no passado, “agora se reduziu a ponto

⁶² Colaborador do jornal “Financial Times”, onde a íntegra deste texto foi publicada. Republicado no Caderno MAIS da Folha SP, 08/02/09. Tradução de Paulo Migliacci

de se tornar parte de um grupo dirigido por um pornógrafo”, diz Lloyd . “O denominador comum a isso é a perda de audiência e de receita sofrida ao longo da última década”, conclui

Em seu lugar vem a imensa onda digital.

Mas cabe uma indagação. O jornalismo do século 20 e até agora, dependia de bases organizacionais: jornais com editorias, treinamento e estrutura de carreira; companhias de televisão que investiam em suas divisões de notícias e atualidades; sindicatos que por algum tempo deram aos jornalistas dos países desenvolvidos proteção ao menos semelhante àquela da qual os operários gráficos um dia desfrutaram.

“Nem todos esses fatores desapareceram, mas diversos deles parecem oscilantes. O abandono do consumo de notícias, quer em forma eletrônica ou impressa, parece ser uma tendência secular e em aceleração. Até que ponto isto influencia uma sociedade civil saudável?”(Lloyd, 2009)

Trata-se de uma pergunta pertinente. O jornalismo baseou sua auto-imagem e sua justificativa para existir na crença de que seu trabalho permitia que os membros de sua audiência de massa se tornassem melhores cidadãos. Se o jornalismo desaparecer, o que acontece com a cidadania?

2.3 OS ANALISTAS SIMBÓLICOS: a notícia como negócio

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) chegaram para mudar tudo. Para o bem ou para o mal.

“A reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram (e ainda estão transformando) o mundo moderno, comumente descritos como globalização”, (J.B.Thompson1995)

Este autor prefere diferir globalização de outros termos semelhantes, como “internacionalização” e “transnacionalização”, pois entende que o fenômeno atual se caracteriza quando “as atividades a) acontecem numa arena que é global ou quase isso(e não apenas regional, por exemplo); b) envolvem algum grau de reciprocidade e interdependência de modo a permitir que atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras”.⁶³

“O mundo vive o início de uma revolução na maneira como as empresas inovam e produzem, e as que não perceberem logo a transformação correm o risco de sucumbir. Nesse admirável mundo novo, não haverá lugar para companhias fechadas, hierarquizadas e que guardam seus segredos industriais a sete chaves. A senha para crescer será a colaboração em massa, proporcionada pela internet e os “wikis”- softwares ou páginas que podem ser editados por qualquer usuário. (J.B.Thompson1995)

A utilização dese novo modelo vai além da enciclopédia “Wikipedia” ou do “Youtube” e começa a entrar rapidamente no mundo industrial. Trinta e cinco empresas da “Fortune 500” fazem parte do “InnoCentive”, um site que reúne 91 mil cientistas de 175 países. Nele, as companhias colocam problemas que suas equipes de P&D não conseguem solucionar e oferecem recompensas que vão de US\$ 5 mil a US\$ 100 mil para os que trouxerem respostas viáveis.

Esses são alguns dos inúmeros casos relatados no livro “Wikinomics- Como a Colaboração em Massa por Mudar seu Negócio”, de Don Tapscott e Anthony D. Williams”.⁶⁴

É o chamado capitalismo cognitivo.

⁶³ Thompson, J.B, “A Mídia e a Modernidade”, Vozes, Petrópolis, 1995.

⁶⁴ (18) Cláudia Trevisan, Folha SP, 24/06/07, pg 01, Caderno Dinheiro 02

O conhecimento, núcleo da produção, continua fugindo pelos interstícios da economia, cada vez mais, à medida que se amplia a cooperação social e os públicos de que participam de sua produção. É um dado impossível de se fixar para sempre na mercadoria. Ao contrário desta, os conhecimentos são produtos não-cambiáveis, inconsumíveis e indivisíveis.

Quem produz o novo é o conhecimento que está na memória das pessoas, num jogo entre imagens, sensações, palavras e conceitos. Isto é, “quem produz o conhecimento são os próprios conhecimentos”, com bem observou Gabriel Tarde, ainda no início do século passado. É possível incorporar o conhecimento a mercadorias, via direitos de propriedade intelectual, mas impossível de se apropriar dele totalmente.

No regime capitalista pós-moderno, a circulação do conhecimento “não se incorpora a coisa alguma em função da qual seja possível estimar-lhe um preço ou lhe imputar um peso econômico, o que parece romper a **referência material do valor**; convém indagar, portanto, o que afinal representa a razão de ser desse novo patamar produtivo denominado capitalismo cognitivo”, afirmam os professores da UFRJ, Giuseppe Cocco, Gerardo Silva e Alexander Patez Galvão, organizadores de livro sobre o tema⁶⁵.

A tese da posse comum, aberta, já se vê aplicada em vários campos, sobretudo nas áreas artística e da própria informática, como o *software* livre, o *Creative Commons*, o *copyleft*, que prenunciam um mundo comercial diverso do hoje existente.

Em face desta situação, Sodré (2006, p. 57) aponta para uma “semiurgia”, produção de símbolos, análoga à “siderurgia”, no sentido genérico de fabricação de objetos: “na nova configuração capitalista, a força de trabalho passa do nível da natural energia humana para o da representação ou dos signos, convertendo-se em estrutura de obediência ao código”.

Nesta linha, cabe perguntar se não estaria se destacando a classe (internacional) de analistas simbólicos, referida pelo ex-secretário do Trabalho dos EUA, Robert Reich, como a detentora do poder hoje? Ele denomina apenas

⁶⁵ Texto do mestrado. Pasta Micael Herschmann.

outras duas classes na contemporaneidade: serviços rotineiros de produção e serviços pessoais⁶⁶.

A primeira categoria, de **"produtores de rotina"**, guarda estreito vínculo com os operários da Era Industrial anterior à atual, a que gerou e está sendo substituída pela era tecnológica. Constitui-se de tarefas sequenciais para a fabricação de objetos. Reich inclui na rotina da produção, os cargos de supervisão e os atuais processadores de dados que alimentam as redes de informática empresariais e governamentais com registros de compras e pagamentos, relatórios, preenchimento de formulários, contas de clientes, correspondência, decisões da justiça, lista de assinantes, relações de pessoal, catálogos de bibliotecas e outros tipos de informações periódicas.

Esses trabalhadores atuam na companhia de um número grande de pessoas, que fazem exatamente a mesma coisa e, normalmente, dentro de grandes espaços fechados. São dirigidos em seu trabalho por procedimentos padronizados, regras preestabelecidas, seus salários baseiam-se na extensão de tempo que gastam ou no volume de trabalho que realizam e suas virtudes primordiais são confiabilidade, lealdade e capacidade para receber instruções. Ou seja, são os chamados funcionários de em grandes escalões, escriturários, a imensa legião de trabalhadores de escritórios, na qual se incluem hoje também os operários-digítadores de máquinas-ferramentas.

A categoria de **"serviços pessoais"** relaciona-se também com tarefas simples e repetitivas. Recebem igualmente por hora ou volume de trabalho, são supervisionados e não necessitam possuir grande educação escolar (no máximo, o diploma de curso colegial e algum treinamento vocacional). A diferença para os produtores de rotina é que se trata de serviços executados pessoa a pessoa. Eles entram em contato direto com os usuários finais de seu trabalho; seus meios imediatos de trabalho são os clientes específicos, ao invés de fluxo de metais, tecidos ou dados. Trabalham sozinhos ou em pequenas equipes.

Estão nessa categoria os vendedores de varejo, garçons e garçonetes, empregados de hotéis, zeladores, caixas, atendentes e assistentes hospitalares,

⁶⁶ Reich., Robert. 1995.

babás, faxineiras, motoristas de táxi, secretárias, cabeleireiras, mecânicos de automóveis, corretores de imóveis, comissários de companhias aéreas, fisioterapeutas e guardas de segurança. Equivalem-se, portanto, aos comerciários.

Deles se espera que sejam pontuais, confiáveis e de fácil trato, como os trabalhadores de rotineiros de produção. Todavia, muitos dos servidores pessoais devem ainda apresentar uma outra qualidade: comportar-se de forma simpática e agradável, sorrir, ser cortês mesmo com o mais detestável dos patrões (clientes). Acima de tudo, devem fazer os outros se sentirem felizes e despreocupados. Talvez essa seja a razão de serem, na maioria, mulheres, cujo estereótipo cultural tem-lhes proporcionado a maior parte de ocupações nessa área.

Os “**serviços simbólico-analíticos**”, a terceira categoria, incluem todas as atividades de solução de problemas, identificação de problemas e promoção estratégica de vendas. Manipulam símbolos – dados, palavras, representações orais e visuais.

São eles os pesquisadores, engenheiros, projetistas de *softwares*, biotecnólogos, financistas, advogados, executivos de propaganda e especialistas em *marketing*, diretores artísticos, arquitetos, jornalistas, músicos, produtores de televisão e cinema e professores universitários, entre outros, que atuam nos problemas por meio da manipulação de símbolos e simplificam a realidade por meio de imagens abstratas que podem ser rearranjadas, embaralhadas, experimentadas e comunicadas a outros especialistas e então, eventualmente, transformadas de volta em realidade.

As ferramentas podem ser algoritmos matemáticos, argumentos legais, artifícios financeiros, princípios científicos, conhecimentos psicológicos sobre como persuadir ou entreter, sistemas de indução ou dedução, ou qualquer outro conjunto de técnicas para resolver quebra-cabeças conceituais. A remuneração depende antes da qualidade, da originalidade e, ocasionalmente, da velocidade com que resolvem e identificam novos problemas e promovem venda de soluções. Não seguem carreiras lineares, podendo acumular riquezas ainda jovens.

Em contrapartida, podem perder autoridade e remuneração se não forem **sempre capazes de inovar** (*grifo meu*) utilizando sua experiência cumulativa, ainda que tenham atingido a plenitude de seu conhecimento. Em geral têm o curso superior e muitos a pós-graduação. Quase sempre trabalham sozinhos ou em pequenas equipes.

Robert Reich considera que esse último grupo – o dos analistas simbólicos – é o principal responsável por criar a renda nos países (ou reter, em sua expressão, considerando o tráfego financeiro “aéreo”, isto é, a circulação eletrônica mundial do dinheiro). Ele afirma que não existem mais empresas nacionais e sim teias globais de negócios; com empresas inter cruzando-se com outras, associando-se num terceiro ou quarto empreendimentos, terceirizando e quarteirizando serviços; investindo em qualquer parte do mundo, onde for melhor para sua sobrevivência. Esses trabalhadores do conhecimento é que geram o lucro e os rendimentos dessas redes, não importa onde estejam localizados.

Na realidade, tal classe internacional de trabalhadores não tem ligação territorial com nenhum país. Seu protótipo é o executivo de empresas, ou o CEO, *Chief-Executive in Office*. Eles serão a classe dominante do futuro próximo? Ou apenas representam os capitalistas, como seus prepostos? Estariam na mesma situação da burguesia industrial, conforme Habermas(1984) analisou, a que usou e propiciou o desenvolvimento da imprensa para a sua assunção? .

É uma verdadeira arqueologia, e assim ele a chama, o que Habermas realiza na “Mudança Estrutural da Esfera Pública” (“Strukturwandel der öffentlichkeit” no original alemão)⁶⁷ – investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa – prefaciada pelo próprio Jürgen Habermas, estando dividida em 25 (vinte e cinco) seções e organizada em sete capítulos.

A obra foi apresentada à Faculdade de Filosofia de Marburg como tese de livre-docência em 1961. Ela foi publicada no mesmo ano, acrescida de dois parágrafos. A este tempo, Habermas tinha ainda recente sua experiência como assistente de Horkheimer e Adorno no *Institut für Sozialforschung* (Instituto

⁶⁷ Habermas, Jürgen. 1984.

para Pesquisa Social) da *Universität Frankfurt-am-Main* e estava atuando como pesquisador do DFG (*Deutsche Forschungsgemeinschaft*).

Habermas descreve um duplo movimento na mudança estrutural da esfera pública: como consequência da evolução da economia feudal e mercantil para a capitalista, os atores vão reconstituindo a sua posição política, passando de proprietários livres autônomos a representantes de grupos de interesse; enquanto a imprensa vai se configurando como a expressão desses grupos de pressão.

A história de constituição do espaço público reflete a crescente presença do povo⁶⁸, cujo aumento força a diversificação de atividades, como menciona Norbert Elias⁶⁹. A população vai crescendo desde a invisibilidade das mulheres e do escravo na Grécia antiga, pois ali são livres apenas os proprietários – com a lógica de que estão “livres” das necessidades do homem comum-, até virar a multidão de hoje.

“Ele foi criticado por oferecer uma visão utópica e ter dado pouca importância a setores minoritários da sociedade, como as mulheres e os homens comuns. As novas técnicas do século XX, com o rádio, a televisão e a propaganda, mudaram totalmente o contexto da tese de Habermas, como ele próprio reconheceu”, comentam Briggs e Burke⁷⁰.

Diz Habermas:

“... a imprensa foi inicialmente organizada em forma de pequenas empresas artesanais: o interesse do editor por sua empresa era

⁶⁸ Um dado crucial, frequentemente, esquecido: por volta de 1500, estima-se que a população mundial não ultrapassasse os 500 milhões de habitantes. Em 1800 essas estimativas apontam para cerca de 980 milhões. Em 1900 a população mundial rondaria os 1650 milhões de habitantes. No dia 11 de Julho de 1985, o planeta atingiu a marca de 5 bilhões de pessoas e em 12 de Outubro de 1999 essa marca era de 6 bilhões de habitantes. Hoje, De acordo com a ONU, hoje vivem mais de 6,3 bilhão de pessoas. Mais de 75% em países subdesenvolvidos e com menos de dois dólares por dia; 22% são analfabetos, metade nunca utilizou um telefone e apenas 0,24% têm acesso à internet.

⁶⁹ Elias, Norbert. 1993.

⁷⁰ Briggs, Asa e Burke, Peter. 2004.

puramente comercial. A este momento econômico se acresce, no entanto, um novo momento, político no sentido mais amplo, assim que a imprensa de informação evoluiu para uma imprensa de opinião e que um jornalismo literário passou a concorrer com a mera redação de avisos”⁷¹.

A intelectualidade burguesa, literária, cultivada na intimidade do lar se transforma em produto, (jornais, livros, etc.) estabelecendo-se um mercado de bens culturais. Também se desenvolve uma crítica de tais produtos em clubes, cafés, salões, etc. A imprensa, que até então se desenvolvera como meio para atender às necessidades de comunicação do comércio, agora servia para conferir publicidade à crítica cultural, voltada principalmente à literatura.

Esta crítica literária se institucionaliza e se solidifica de tal modo que a sociedade civil dela fará uso político para pressionar e influenciar a máquina pública, detentora do poder de decisão, no qual não tinha, em princípio, maior participação. Esta crítica política institucionalizada da sociedade civil com a função de pressionar o Estado é o que Habermas chama de “esfera pública burguesa”, categoria liberal que visa interferir nas decisões sobre os fins das políticas públicas.

A esfera pública burguesa é a reunião de pessoas privadas que discute com o Estado sobre as decisões que virão a influenciar o mercado de troca de produtos e de trabalho social. O espaço é reivindicado junto à autoridade regulamentadora contra quem se irá argumentar na tentativa de influenciá-la nas decisões.

“Os jornais passaram, segundo Bücher, de meras instituições publicadoras de notícias para serem porta-vozes e condutores da opinião pública, meios de luta da política partidária... O editor de jornal passou de vendedor de novas notícias a comerciante com opinião pública”.

⁷¹ Habermas. Ibidem

Em meados do século XIX, a invenção do telégrafo (1845) e, logo depois, do telefone (1875) revolucionam a organização de todo o sistema de informações; o jornal evolui para um empreendimento capitalista... “torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas- ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública.” ⁷²

Habermas alerta que as crescentes necessidades técnicas vão gerar concentração na mídia, porque na grande empresa industrial há um conflito entre o ponto ótimo técnico e o financeiro, reforçando a tendência monopolista, “à medida que os conglomerados são reformulados para uma produção em massa, o processo de produção perde em elasticidade;... para tanto precisa de uma estratégia de vendas a longo prazo que garanta fatias de mercados seguros”.

A invasão da esfera pública pela publicidade torna-se economicamente necessária, a partir do século XIX. “No século XVIII, os reclames eram considerados indecentes e só abrangiam cerca de um vigésimo do espaço dos folhetins com anúncio” (Habermas⁷³).

Já no século passado, Habermas refere-se ao surgimento das *public relations* (PR- relações públicas) como investimento empresarial: “trabalhar a opinião pública” é um fenômeno-chave da época entre as duas guerras, quando esta prática aparece nos EUA, tendo, depois, dominado o mundo.

A tarefa da PR é emprestar ao objeto a mística do interesse público, é engendrar o consenso, para promover a aceitação de uma pessoa, um produto, uma organização, uma idéia. O Estado passa também a depender da PR, ou seja, a propaganda vira um negócio de Estado, a fim de convencer os cidadãos sobre as decisões políticas agora resolvidas *en petit comité*.

“Naturalmente, o consenso fabricado nada tem a ver com a *Aufklärung*, o processo de esclarecimento mútuo rumo à concordância

⁷² Habermas. Ibidem

⁷³ Texto da Pós-Eco.

racional de opiniões em concorrência aberta”. Embora a função inicial da PR seja vender algo, ela realiza mais; mobiliza a clientela para a firma, para um ramo da economia e para todo um sistema um crédito quase-político, “uma espécie de respeito que só se teria para com as autoridades públicas”.

O interesse público submerge nos interesses privados que se auto-representam pela publicidade com um duplo propósito: limitar o público aos burgueses e o seu pensamento aos fundamentos da sociedade burguesa.

Antes, a esfera pública era um espaço para a crítica cultural, principalmente literária. Com a refuncionalização da esfera pública literária, que tem suas instituições e plataformas aproveitadas para exercerem agora uma função política, a esfera pública preserva seu caráter de estrutura da esfera social que emergia. Como o próprio Habermas afirma:

“Com o surgimento de uma esfera do social, cuja regulamentação a opinião pública disputa com o poder público, o tema da esfera pública moderna, em comparação com a antiga, deslocou-se das tarefas propriamente políticas de uma comunidade de cidadãos agindo em conjunto (jurisdição no plano interno, auto-afirmação perante o plano externo) para as tarefas mais propriamente civis de uma sociedade que debate publicamente (para garantir a troca de mercadorias)”⁷⁴.

Assim, a esfera pública burguesa se mostra uma categoria da sociedade moderna já engolida pela esfera social, que invade também o setor privado – não só a sociedade civil, como até mesmo parcela da intimidade. Tal esfera social dilui as estruturas sociais da família e de outros grupos e engloba todos

⁷⁴ Habermas. Ibidem.

os indivíduos como em uma grande família, cujos membros estão todos submetidos a uma única vontade e interesse.

Foucault analisou como funcionam esses micro-poderes. Segundo ele, a partir do século XVIII uma nova configuração de “poder sobre a vida” emerge no mundo ocidental, pautada em duas estratégias: uma política de disciplinarização e docilização dos corpos, adestrando-os, extenuando suas forças nas fábricas, escolas, quartéis, prisões, etc. e integrando-os em sistemas de controle eficazes e econômicos; e uma política de captura do corpo-vivo, controlando seus processos biológicos como os estados de saúde, a reprodução, a mortalidade, a longevidade.

Com esta perspectiva, o filósofo elabora o conceito de “biopoder”, que não pode ser entendido como uma coisa, uma unidade, uma entidade, “algo externo como um bastão que passa de um soberano para outro”⁷⁵, mas como algo que se constitui nas relações e na complexidade do campo social. Os mecanismos de poder têm por objetivo a regulação e o controle das formas de existência, sendo fortemente calcadas em preceitos econômicos, morais e religiosos.

Nos primórdios da civilização o poder era estabelecido a partir da força física - o chefe do bando era o mais ágil e violento; num outro momento, junto com o poder religioso, surgem os senhores ‘da vida e da morte’ feudais, protetor e opressor dos fracos. Em seguida, o Estado monopoliza a força e direciona a técnica, com a arrecadação de impostos de todos e a destinação de recursos em acordo com os grupos mais fortes, preocupando-se, acima de tudo, com o aspecto econômico, “em nome do interesse público”. É a monetarização e burocratização da vida, escrutinada por Max Weber.

Segundo a pensadora alemã, Hanna Arendt, na “sociedade das massas” o que se procura é a opinião unânime, ao mesmo tempo em que o indivíduo é definido por sua posição funcional dentro da sociedade. “A esfera social passa a controlar, com igualdade de forças, todos os membros de uma mesma comunidade”.⁷⁶

⁷⁵ Canellas, Wanessa. 2008.

⁷⁶ Arendt, Hanna. 1983.

O pensamento liberal moderno tendeu à eliminação do Estado para substituí-lo por um ente administrador. A globalização chegou mesmo a ultrapassá-lo e aventar a hipótese de sua extinção. Até que adveio a crise atual; primeiro, nas finanças, depois, na economia propriamente dita, com reflexos sociais ainda não inteiramente delimitados. Em face da nova circunstância, o Estado está sendo chamado em todos os lugares para suprir a carência dos mercados que se provaram insuficientemente auto-reguladores.

O jornalismo no século XX incorpora o ideal modernista: construir o progresso. O caráter informativo passa a ser o bordão da imprensa, organizadas em seções, linguagem concisa e cotidiana ("500 vocábulos", diz Habermas). Os jornais dariam aos leitores o necessário para acompanhar a "evolução" do mundo.

Como informa Marialva Barbosa:

"Jesus Martin Barbero(1997) salienta que a teoria sobre as novas relações das massas com a sociedade constituirá um dos pivôs fundamentais da racionalização com que se recompõe a hegemonia e se readequa o papel de uma burguesia que, de revolucionária, passa nesse momento a controlar e frear qualquer revolução".⁷⁷

Neste mesmo artigo, Marialva Barbosa comenta os dois famosos livros de Walter Lippmann- *Public Opinion e The Phantom Public*- em que o jornalista deplora toda tentativa de influenciar o comportamento dos atores políticos pela opinião pública, uma espécie de reserva de forças capaz de ser mobilizada quando ocorria alguma crise na gestão dos negócios públicos (um fantasma, portanto). Para ele, "o único interesse público é que a ordem social seja mantida, que os contrastes sociais sejam respeitados e que os interesses sejam conformados às regras de um direito comum".

⁷⁷ Barbosa, Marialva. 2008.

Neste contexto, o espaço público moderno é inundado pelos produtos comunicativos que idealizam/encenam um *modus vivendis*, assentado em dois únicos pilares: propriedade (privada) e prosperidade (material), encimadas pelo contrato entre as partes.

Produtos eternamente renovados pela e para a acumulação capitalista, com a introdução incessante de novas tecnologias e aparelhagens respectivas, no intuito de manter a mais-valia.

E “é preciso um volume expressivo de recursos, porque o público cada vez mais quer novidades e está impaciente, exigindo rapidez e precisão sempre crescentes”, segundo o especialista Marcelo Póvoa, informou no programa “Observatório da Imprensa”, da TV Brasil, no dia 24/03/09.

Assim, de uma imprensa que sai do feudalismo, como instrumento de afirmação da burguesia nascente, ingressa-se num mundo totalmente mediatizado, em que emissores e receptores tendem a se fundir num público ou tipo de audiência ainda sem nome e definição precisas.

O índice deste quadro é a quantidade de portais, sites e *blogs* existentes na Internet, na casa dos bilhões - aumenta a cada nanossegundo.

Porém, ao excesso de informação que a grande rede estoca e distribui corresponde a expansão simultânea de incontáveis procedimentos de autenticação, identificação, certificação e autorização, aos quais devemos nos submeter em nosso cotidiano, como lembra Rogério Costa:

“Cabe recordar que não existem limites claros para o aumento dos mecanismos de controle, pois sempre é possível controlar mais (e supor que não há controle suficiente). A cultura digital se vê assim confundida com sua sombra: logins e senhas por todos os lados, mensagens criptografadas, apelidos, cookies, crise e questionamento das identidades, da privacidade, etc. O resultado disso tudo é que, na mídiasfera, à mesma proporção que evoluímos na construção de nossa liberdade de expressão, aprofundamos as estratégias das

malhas de controle nas quais nos enredamos a cada dia".⁷⁸

2.4 A MARCA NA INTERNET, o grande circo da mídia

No *bios virtual*, a Internet conflui e gera informações a granel como uma cornucópia infindável por e para todas as mídias - jornal, rádio, TV e celular.

Os números da audiência são claros: de acordo com dados do Ibope quatro em cada dez pessoas afirmam que passaram a ler menos jornais, depois que começaram a acessar a rede. Dos 63 milhões de pessoas com mais de 16 anos e telefone fixo residencial, 44,9% (ou 28,3 milhões) tinham acesso à internet no início de 2002. No fim de 2005, essa fatia tinha aumentado para 53,1% (ou 33,4 milhões).

Mais da metade (57,6%) das pessoas que acessam a internet no Brasil busca notícias e informação - o cardápio principal dos jornais - segundo pesquisa também do Ibope, realizada em março de 2006.⁷⁹

Nos EUA, as páginas *web* da maioria de jornais perdem audiência, com a exceção dos grandes periódicos de tiragem nacional como o *New York Times*, o *Washington Post* e o *USA Today*, segundo um relatório publicado pela Universidade de Harvard (16/08), e que pode ser acessado em www.ksg.harvard.edu/presspol/index.htm.

O estudo fez o acompanhamento de 160 sites de periódicos, cadeias de televisão e outros meios de imprensa durante o período de um ano. A análise destaca como significativo o aumento de tráfego, em torno de 10% em média, que registraram em 2007 os sites de jornais de tiragem nacional como o *New York Times*, o *Washington Post* e o *USA Today*.

"Pelo contrário, as páginas da maioria do resto dos periódicos - sejam de jornais de cidades pequenas, médias ou grandes - perderam audiência", indica

⁷⁸ Costa, Rogério. 2003.

⁷⁹ JULIASZ, Fábila in Sant'anna, Lourival. 2008.

o relatório, insistindo em que, em termos médios, esses sites têm bem menos visitantes que há um ano.

Segundo a Universidade de Harvard, a Internet representa uma maior ameaça para a mídia local do que para as que já desfrutam de alcance nacional. "Porque reduz a influência da geografia na escolha de uma fonte informativa, a Internet favorece aqueles que têm uma marca, essas poucas organizações que saltam à mente dos americanos quando buscam notícias na web".

O estudo reflete um forte aumento no número de visitantes às páginas *web* das **cadeias de televisão** (*grifo meu*) mais conhecidas do país, como a CNN, ABC, CBS, NBC, MSNBC e Fox. Segundo o relatório, o tráfego médio desses sites aumentou em mais de 30% durante o último ano. Os que desfrutaram de maiores aumentos de audiência foram os provedores não tradicionais, como os buscadores e os blogs. Entre os mais beneficiados estão Google, Yahoo!, AOL e MSN, além de sites como newsvine.com, topix.net, digg.com e reddit.com.

O fato é que "o coração da economia atual é a Internet e seu sistema circulatório são as telecomunicações", como afirmou, no Brasil, o homem mais rico do mundo, o empresário mexicano, Carlos Slim ⁸⁰. Elas compõem o grupo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) responsáveis por efeitos cruciais tanto na **cultura da produção** (capitalismo cognitivo é a nova fase, um acréscimo ao *just in time* japonês – pouco estoque, fabricação na hora - sucedâneo do fordismo: produtos em série, e do taylorismo: divisão de tarefas), como na **produção da cultura** (digitalização facilita/barateia feitura e transmissão de produtos). (*grifos meus*)

A telemática (informática mais telecomunicação) é um dos três fenômenos mais importantes do século XX; os outros são a bomba atômica e a bomba demográfica, segundo Albert Einstein ⁸¹. O trio fenomenal se relaciona de forma dramática: a bomba nuclear mostrou que a vida humana pode se

⁸⁰ As revistas "Forbes" e "Fortune" de julho informaram que a fortuna do Carlos Slims, dono da Claro no Brasil, entre outras empresas, ultrapassou a de Bill Gates em 2006. Elas elaboram anualmente a lista dos maiores milionários mundiais. O Globo. 24/07/07.

⁸¹ Lévy, Pierre. "Cibercultura", Ed 34, SP, 1999.

acabar em um átimo; a explosão populacional eleva o anonimato em multidões urbanas a níveis inéditos⁸², enquanto as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) inundam os corações e mentes com todo tipo de impressões emocionais, ainda não devidamente cartografadas, dada à curta existência da *web* (comercialmente no Brasil começou em 1995, surgiu para o mundo em 1990, segundo a “Wikipedia”).

A digitalização incita o consumo-produtivo (a interatividade é fator constituinte dos produtos que “pedem” aperfeiçoamento, personalização ou customização, o que é um ganho extra para as empresas – a apropriação de externalidades ao processo de produção) e faz com que cada indivíduo seja, ele próprio, um meio de comunicação, como informa, Israel do Vale, ex-diretor de programação e produção da Rede Minas, do qual farei uma longa citação, por trazer muitas novidades, entre as quais o fato de cada um de nós poder ser a partir de agora **uma mídia completa em si mesmo**⁸³ (*meu grifo*):

“Mídia táctica não é exatamente um conceito novo. Tem berço nos anos 80, filho de dona contracultura com “seo” punk. Mas foram os anos 90 que lhe deram robustez, sob efeito da pulverização dos meios de comunicação. Ela não é necessariamente tecnológica. Pode se manifestar por meio da performance, por exemplo. Mas sua maior aliada é, sem dúvida, a era digital. A proliferação dos canais de difusão de idéias deu origem a uma espécie de guerrilha da informação.

“A cultura do software livre [leia-se, do acesso gratuito a ferramentas que antes só circulavam entre quem podia pagar] e o alargamento das infovias de tráfego de dados [pela Internet, celular ou, daqui a pouco, via TV digital] deram novo [e belo] horizonte à **capacidade de**

⁸² “Cerca de 25% dos americanos não confiam em ninguém”, segundo pesquisa de 2004 da “American Sociological Review” acessada 27/07/07 no site www.newswise.com. O índice dobrou em 20 anos.

⁸³ Artigo publicado no jornal “O Tempo”, de BH/MG, 04/08/07.

fazer de cada um de nós um veículo de comunicação. O principal fator que distingue este momento do contexto anterior é o fato de que a comunicação é, cada vez mais, uma via de mão dupla. Significa dizer que tende a ser cada vez mais difícil para um veículo "genérico", não-segmentado, fidelizar o telespectador, leitor ou ouvinte, se ele não se oferecer como um espaço colaborativo, vivo, capaz de responder aos pequenos desejos de cada um".

A ação se dá das maneiras mais diversas, por meio de eventos de mobilização e disseminação do conceito (fruto de festivais pioneiros como o holandês "Next Five Minutes") ou pela extensa rede de *sites e blogs* dedicados a temas correlatos (há, no Brasil, três exemplos de perfil bastante distinto: www.midiatatica.org, www.midiaindependente.org, www.rizoma.net.)

Mas se hoje qualquer um pode ter/ser seu próprio meio de comunicação (*grifo meu*) - uma revista eletrônica, uma TV na Internet, via "You Tube", por exemplo, uma web-rádio, uma "agência de notícias" SMS via celular - o que faz uma pessoa comum menos importante que qualquer veículo da mídia tradicional? "Bem, num primeiro momento, o raio de alcance da informação; depois, a qualidade do que se pretende circular", diz Israel.

A rápida expansão da Internet e o fortalecimento da cultura das redes sociais na dita web 2.0 (como ilustram sites de relacionamento como "Orkut" ou "Myspace") podem ajudar a pular este muro.

Israel do Vale cita exemplos como os do projeto Rede Jovem de Cidadania (www.aic.org.br) ou do iRedes (guarda-chuva que abriga, por exemplo, o "Milhão de Histórias de Jovens", compilação de depoimentos em áudio e vídeo que envolve agentes juvenis dos quatro cantos do país) mostrando o interesse e o empenho da sociedade civil em "apoderar-se/empoderar-se" do direito de acesso à informação confiável, sem "atravessadores".

De fato, a cultura dos coletivos se alastra. De um lado, a estruturação de uma rede de pontos de cultura (sob os auspícios do Ministério da Cultura) e a rearticulação da idéia da universidade como foco privilegiado de criação artística embutida nos Cuca (Centro Universitário de Cultura e Arte) da UNE. "De outro", informa, "*cases* como o dos mosqueteiros cuiabanos do Espaço Cubo ou soluções caseiras como o coletivo PDM (uma associação de blogs pessoais de difusão da informação cultural, sobretudo na área da música, recém-criada em Belo Horizonte)".

"São apenas a ponta do iceberg. Mas já assinalam uma saudável inquietação, em frentes tão diferentes quanto complementares. Mais que contra o que quer que seja, a mídia tática posiciona-se a favor: a favor de outras idéias que não as óbvias e/ou consagradas, de novos agentes que possam dar seus pontos de vista, de usos diferenciados para os espaços públicos. Melhor: está ao alcance de todos. Nem que seja na *lan house* da comunidade - um fenômeno que já se contabiliza às dezenas nas vilas e favelas das regiões metropolitanas de todo o país".⁸⁴

Este chamado "jornalismo cidadão" - termo que engloba toda forma de comunicação, de blogs a depoimentos amadores sobre desastres ou guerra e sites de jornalismo amador na web – está sendo considerado por muitos como a salvação do jornalismo. Baseado na seguinte idéia: "quanto mais os jornalistas se comportarem como cidadãos, mais forte será o jornalismo". Em "SuperMedia" Charlie Beckett (Lloyd, 2009) considera a que essa forma de jornalismo cidadão suplantará o modelo convencional e, em suas palavras, "salvará o mundo". Beckett menciona o exemplo do "Fort Myers News-Press", da Flórida, um jornal que pressionou por acesso à lista dos pagamentos de assistência às vítimas do furacão Katrina. Em seguida, o jornal publicou a lista e

⁸⁴ Vale, Israel. 2007

convidou seus leitores a informar a redação em caso de quaisquer anomalias nos pagamentos. As denúncias foram usadas como base para uma série de reportagens. "E, em uma bela passagem sobre o jornalismo africano, cita extensamente blogs bem-informados e raivosos mantidos por africanos, os observadores mais capazes de testemunhar o comportamento criminoso de seus governos corruptos"(Lloyd, 2009). Os blogs expressam opiniões que muitas vezes terminam censuradas nos jornais e, especialmente, nas rádios e estações de TV africanas.

Mas Lloyd coloca alguns "poréns" na questão.

"Em primeiro lugar, as tentativas de fazer do jornalismo cidadão uma prática cotidiana não funcionaram bem até o momento. Em segundo lugar, a maioria do jornalismo político convencional que surgiu na blogosfera não elevou o nível ético. O mais famoso desses novos jornalistas políticos é Matt Drudge, hoje um homem poderoso na mídia. Ganhou fama inicialmente ao revelar o caso entre Monica Lewinsky e (o então presidente dos EUA) Bill Clinton e continua a explorar esse filão de boatos, acusações e insinuações. Terceiro, não está realmente claro o que quer dizer "comportar-se como cidadão", para um jornalista, ou o que seria "se comportar como jornalista", para um cidadão. Os cidadãos muitas vezes não querem forma nenhuma de jornalismo"(Lloyd, 2009)

No Brasil, o jornalismo cidadão encontra outros problemas como o acesso às novas tecnologias que acompanha o desnível social. Por exemplo, em Brasília, 77% dos brancos de renda alta têm acesso à internet, enquanto em Alagoas só 0,5% dos negros pobres o têm. No Brasil, o percentual de negros com acesso é de 13,3%, e o de brancos é de 28,3%. O quadro abaixo é bem característico dessa situação:

Estudantes de 10 anos ou mais com Internet no Brasil

Ensino fundamental, público, 19,2 milhões, 17,2%
privado, 2 milhões, 74,3%

Total 21,2 milhões, 22,7%

Ensino médio público, 7,4 milhões, 37,3%
privado, 1,6 milhões, 83,6%

Total 9 milhões, 45,6%

Ensino superior público, 1,3 milhões, 85,3%
privado, 3,8 milhões, 88,6%

Total 5,1 milhões, 87,8%

Total geral 35,5 milhões, 38%

Fonte: PNAD/IBGE. 2005

Percentual da população que usou Internet em três meses:

Brasil, 17,2%; Costa Rica, 21,3%; Argentina, 17,8%; Chile, 28,9%; Uruguai, 20,6% e Suécia, 76,2%.(fonte União Internacional de Telecomunicação, 2005)
Brasil é 76º. em 193 países.⁸⁵

O Comitê para Democratização da Informática (CDI) tenta melhorar a acessibilidade para os pobres, tendo instalado 840 Escolas de Informática e

⁸⁵ O Globo, 12/08/07, pg 26.

Cidadania em 19 estados brasileiros, capacitando 62 mil pessoas por ano, segundo o jornal "O Globo".⁸⁶

Na mesma matéria, foi publicada pesquisa sobre leitura feita pelo Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), em 2007. No mês junho daquele ano, foram ouvidos mil jovens na Região Metropolitana de São Paulo: 34% não lêem com frequência, 18% não gostam de ler e 16% lêem apenas de vez quando.

Em 2006, o CIEE tinha constatado que no Rio 15% dos universitários nunca leram um livro não didático, 12% leram apenas um e 36% leram entre um e três livros. A leitura de jornais diários era feita por apenas 9% dos estudantes (grifo meu). Quase todos, 90%, tinham acesso à Internet.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o número de *personal computers* (PCs) deve chegar a 60 milhões, em 2010, com 8,56 milhões em vendas em 2007, (eram pouco mais de 11 milhões em 2001, quer dizer, deverá se multiplicar por seis em apenas nove anos). A venda já rivaliza com a de aparelhos de TV⁸⁷.

Mas a universalização do acesso aos serviços de telecomunicações deverá ser feita pelo celular, segundo o governo federal, através da terceira geração do aparelho (3G), que já aportou no Brasil (embora a navegação ainda seja muito cara). Há 140 milhões de celulares no país (em março de 2009), contra 38,6 milhões de usuários do fixo (há sete anos havia 33% a mais de fixos: 30,9 milhões contra 23,2 milhões de celulares). O sinal chega a 59% das cidades apenas.

O novo celular vai ter tudo o que atual já tem – internet, câmera fotográfica, MP3, vídeo, jogos – com mais velocidade, e levar a banda larga, presente em apenas 9% das cidades, onde não há fios. Aliás, em São Paulo, o aparelho já é utilizado até como cartão de crédito, experimentalmente, por alguns taxistas.⁸⁸

⁸⁶ O Globo, 4/07/07, pg 12.

⁸⁷ O Globo, 12/08/07, pg 26.

⁸⁸ Jornal "O Tempo", de Belo Horizonte/MG, Economia, pg D1 e D3. 12/08/07.

De acordo com o site “PC Authority”, um terço de todo o público americano, entre 12 e 64 anos, assiste a noticiários *online* regularmente”, segundo a Agência EFE.⁸⁹

Ninguém ainda pode afirmar o que irá surgir da Internet, mas é evidente que uma nova forma de comunicação está surgindo dos dois lados das telas abrangendo os fenômenos do “show do eu” e do “meu jornal diário”.

Sobre o primeiro caso, Paula Sibilia, da UFF, acaba de lançar um livro, em 2008, “O show do eu” (Nova Fronteira, RJ, 2008), exatamente sobre o escancaramento pessoal no bios virtual.

“A intimidade tem se convertido numa espécie de cenário no qual devemos montar o espetáculo de nós mesmos. Com a revolução tecnológica da informação, o proliferamento da Internet, o aumento de blogs e sites de relacionamento, o significado de intimidade mudou radicalmente, criando uma vida espetacularizada. As novas tecnologias correspondem também a um novo modelo de vida social, e usamos essas ferramentas para responder às demandas de um universo cada vez mais distante daquela cultura oitocentista que incentivava a escrever diários verdadeiramente ‘íntimos’”⁹⁰.

Enquanto muitos se expõem em busca de reconhecimento, do outro lado das telas e telinhas, o espectador, isolado e ilhado, escrutina o espetáculo em busca de auto-reconhecimento, como observa Nicholas D. Kristof, do “New York Times”:

“Quando navegamos on-line, cada um de nós é o seu próprio editor, o guardião de sua própria entrada. Seleccionamos o tipo de notícia e

⁸⁹ Do site “Comunique-se”, acessado 30/07/07.

⁹⁰ Sibilia, Paula, 2009.

opiniões de que mais gostamos. Nicholas Negroponte, do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) chamou a esse produto noticioso emergente, 'O Meu Jornal Diário'. E se isso for uma tendência, que Deus nos salve de nós mesmos. Isso porque existem provas convincentes de que desejamos confirmações de nossas idéias preconcebidas. Podemos acreditar no choque de opiniões, mas na prática gostamos de nos encerrar no útero tranquilizador de uma câmara de ecos"⁹¹.

Preocupação semelhante à de Paul Starr, professor de Sociologia da Universidade de Princeton, Prêmio Pulitzer de não-ficção em 1984, por "*The Social Transformation of American Medicine*". Para ele, os riscos que se correm com o fim do jornalismo clássico e a emergência da Internet como sua substituta são três: 1) a falta de produção profissional de notícias, 2) a produção de um público engajado e 3) a produção de uma responsabilidade política efetiva.

"Embora seja inquestionável que a Internet oferece uma diversidade de opinião e acesso a novas fontes, ela não vem conservando o jornalismo profissional generalista em seus níveis anteriores. Estão sendo servidos alguns públicos de nichos. No nível nacional, ao mesmo tempo em que o número de jornalistas da mídia generalista profissional vem diminuindo, muitos jornalistas têm encontrado trabalho em publicações de preço elevado que atendem a setores econômicos específicos"⁹²

Ele acredita que a filantropia possa subsidiar a reportagem investigativa "e remediar o problema". Mas e o público engajado? "Aqueles que compram

⁹¹ Na Folha SP, 29/03/09.

⁹² Starr, Paul. 2009.

um jornal podem se interessar por esportes ou palavras cruzadas, mas olharão de relance a primeira página e poderão se interessar por outros assuntos”, diz. A estratificação do noticiário poderá afetar a criação da responsabilidade política.

“Seria insensato prever se a web poderá sustentar o jornalismo clássico, mas é insensato também ignorar o que está acontecendo e confiar numa visão feliz de progresso inexorável proporcionado pela *web*. O perigo desta indiferença alegre às realidades desagradáveis é que ela pode nos induzir à inação. Tanto a política governamental quanto a filantropia precisam ser incentivadas a apoiar o jornalismo independente”

Em carta aberta a Paul Starr, Steven Johnson acredita que “os amadores irão vasculhar documentos públicos em busca de detalhes reveladores e pessoas presentes a audiências escreverão em blogs”.

“Se forem espertos, jornais como New York Times e New York Post vão aproveitar esta cobertura, compartilhá-la com seus leitores, usá-la para vender anúncios locais e às vezes colocar um de seus repórteres treinados para desenvolver artigos novos. Qual sociedade lhe parece mais cívica? Uma em que o noticiário é controlado por uma pequena minoria e onde a interações cívicas das pessoas acontecem como leitura feita a caminho do esporte ou uma em que milhares de pessoas comuns participam ativamente na criação do próprio noticiário?”⁹³

⁹³ Johnson, Steven, 2009.

O debate continua nessa linha, até que Starr levanta a questão do financiamento dos “sites de notícias automatizados que agravam os problemas financeiros da imprensa por lhe rasparem os lucros” e volta a defender que

“o jornalismo independente e profissional poderá sobreviver e crescer se a política oficial e instituições sem fins lucrativos encontrarem maneiras criativas de apoiá-lo. Duvido porém que consiga florescer exclusivamente com as forças do mercado e as novas tecnologias, embora os jornalistas não possam ignorá-las”.⁹⁴

Ainda assim, Starr entende que o novo ambiente da mídia provavelmente levará a um abismo maior “entre a minoria que se interessa intensamente pela vida pública e o número consideravelmente maior de pessoas que se afasta por completo da esfera pública, informando-se pouco sobre política e importando-se menos ainda com ela”.

Os fenômenos exibitórios da Internet são parte do individualismo exacerbado, típico do *bios virtual*, como Sodré chama a atenção.

“No bios virtual, o ethos humano parece submergir numa estesia telecomandada, onde o indivíduo é expropriado da experiência e da singularidade, portanto da vontade, da escolha criativa e da partilha simbólica, logo de uma corporeidade própria e ativa, geradora de sentido, que tende hoje a ser cada vez mais genética e culturalmente controlada - apesar da exaltação do corpo do consumidor pelos automatismos sensoriais da mídia. O isolamento sensorial do homem contemporâneo, sob a rede gratificante do consumo conspícuo e sob as aparências de uma concentração tecnocultural do diverso ou do múltiplo, é o

⁹⁴ Starr, Paul. 2009.

avatar do extremismo individualista do Ocidente.”⁹⁵

Essa realidade que Sodré chama de *bios* midiático s    possível porque as imagens já estão inscritas na própria cultura, **na mediação do sujeito consigo mesmo** (grifo meu)

“Assim como na ordem mítica, o mito é o poder dos símbolos primordiais e dos arquétipos, o *bios* midiático é o poder desses modelos que se atualizam e se concretizam em determinados tipos de imagem” (Sodré, 2006, p 102).

As imagens midiáticas que regem as relações sociais vêm dos modelos hegemônicos do capital e do mercado globais. O espetáculo de hoje em que todos estão imersos resulta de uma sobredeterminação histórica da imagem:

“a espetacularização  , na prática, a vida transformada em sensação, em entretenimento, com a economia poderosa voltada para a produção e consumo de filmes, programas de TVs, música popular, parques temáticos, modas, jogos eletrônicos, efeitos de fascinação, celebridade e emoção a todo custo. Tudo isso permeia sistematicamente essa forma de vida”⁹⁶.

Neste modelo, a estesia predomina sobre os velhos valores da  tica, “embora possa haver est tica com  tica”, observa Sodré. Ele não v  a média com pessimismo, “mas o *bios* midiático, a intervenção das tecnologias do ver e do sentir na vida nua e crua dos indivíduos, tudo isso obriga o intelectual, o professor, a mãe e o pai a repensarem a forma de vida em que estamos ingressando como algo não apenas afetado por gracinhas tecnológicas que se acumulam.”⁹⁷

Conexão é a palavra-chave neste novo ambiente.

⁹⁵ Sodré, 2006, p. 101 e 123.

⁹⁶ Sodré, 2006, p. 100

⁹⁷ Sodré, Muniz. Obra citada.

Tanto no caso dos aparelhos, que podem conectar as pessoas apenas vicariamente, como no caso das próprias pessoas, que podem vir-a-ser “uma comunidade gerativa em oposição à societária, onde as relações são prioritariamente contratuais e menos marcadas por vínculos, como os definem os laços comunitários”⁹⁸.

“Não se trata de uma panacéia: a comunidade gerativa propõe-se a agir em resposta ao atomismo social e à razão instrumental que define a política centrada no mercado e no predomínio de um Estado gerencial e burocrático.”⁹⁹

Em *The Public and its Problems* (1927), segundo Marialva Barbosa, John Dewey tentou restabelecer a noção de política pública: o declínio do público estaria associado à emergência do Estado Nação em escala continental, que utiliza prioritariamente meios tecnológicos para interagir com os cidadãos.

Esses suportes substituiriam, progressivamente, o espaço de discussão de comunidades e os contatos face-a-face. Dewey postulava a recriação de laços comunitários: a condição de existência de um público democrático dependeria do nível de saber coletivo, possibilitada pela comunicação livre e sistemática. “A noção de comunicação bidirecional é, pois, fundamental nesta concepção”.

Em artigo recente¹⁰⁰, Dênis Moraes aponta para a emergência da comunicação alternativa em rede,

“para romper com crivos e controles da mídia convencional, defender a cidadania, a democratização da vida coletiva e a liberdade de expressão e opor-se ao pensamento único neoliberal que subordina os direitos sociais à razão competitiva dos mercados financeiros, ocultando as profundas desigualdades geradas pelo modo de produção capitalista”.

⁹⁸ Paiva, Raquel; Sodré, Muniz. “O seqüestro da fala comunitária”, texto do site do Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária- LECC/ UFRJ.

⁹⁹ Idem, ibidem.

¹⁰⁰ Moraes, Denis. “Comunicação Alternativa em rede e difusão contra-hegemônica”, do livro “Comunicação e Contra-Hegemonia”, organizado por Eduardo Granja Coutinho, Editora UFRJ, RJ, 2008.

Ele acredita que “a Internet em sua impressionante variedade de usos, tem permitido experiências de produção e difusão fora das pragmáticas midiáticas”.

Há muitas comunidades virtuais surgindo na *web*, unidas por interesses tão diversificados como política, entretenimento, esportes, comércio, saúde, sexo, jogos, raça e o que mais se possa imaginar. O ritmo em que elas se fazem e desfazem acompanha o de qualquer agrupamento humano.

Em 1993, Howard Rheingold publicou no livro “A comunidade virtual” que “não existe uma subcultura *on-line* única e monolítica, mas antes um ecossistema de subculturas, umas frívolas, outras sérias” e também alertava que “o que quer que seja uma comunidade não se está nunca livre de conflitos”.¹⁰¹

Várias dessas comunidades são criadas por empresas, além das ONGs. Algumas foram feitas por agentes tradicionais da mídia, como CNN e UOL. Mas, certamente, não é deste tipo de comunidade que está se falando quando se diz “comunidade gerativa”.

A confiabilidade é a grande muralha da internet, como explicou Jimmy Wales, criador da *Wikipédia*, por que o seu outro projeto, o *Wikinews*, não venha dando certo. Em entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura, 10/11/08, ele afirmou que o noticiário precisa de autoria, o leitor quer saber quem escreve. Ou seja, assim como em qualquer outra atividade humana, é preciso haver reputação pessoal ou institucional para que se forme platéia.

Os internautas buscam adquirir confiança, enquanto os jornais tentam se articular como âncoras com o lastro social antigo, tateando por interatividade, conclamando o leitor à participação, mas prisioneiros da lógica empresarial e da competição pelo lucro. Ou seja, pela sobrevivência empresarial, o que importa é chamar a atenção do público, mais do que qualquer outro motivo.

Uma maneira de conquistar e fidelizar a clientela é fazer um bom jornalismo cultural, afirma Daniel Piza, editor-executivo e colunista do “Estado

¹⁰¹ Costa, Rogério, “A Cultura Digital”, da série “Folha explica”. Ed. Publifolha. SP. 2003.

de São Paulo”, que lançou livro sobre o assunto no ano passado¹⁰². Ele acredita que este setor da imprensa é, em grande parte, o responsável pelo “afeto das pessoas ao seu jornal”.

As camadas sociais A e B são as principais consumidoras das publicações focadas em cultura, como de resto, dos veículos da chamada “grande imprensa”. “Com o advento da Internet, a imprensa cultural teve que mudar seu foco de atuação e tornar as matérias mais analíticas e reflexivas e menos factuais”, afirma Piza.

O leitor pode fácil e imediatamente se informar via Internet sobre eventos disponíveis ou a produção de inúmeros artistas. Assim ele irá buscar em publicações especializadas uma opinião aprofundada, reflexiva, para que possa balizar seu próprio julgamento.

Dib Carneiro, editor do Caderno 2 de “O Estado de S. Paulo”, concorda com essa mudança de perfil da editoria e acrescenta que, nesse novo cenário, a força do furo ficou muito reduzida, esvaziada pela velocidade instantânea da *Web*. “Não importa mais, tanto quanto antes, ser o primeiro a dar a notícia, mas o quanto aprofundada e analisada esta notícia chega ao leitor moderno”, aponta o editor, entrevistado por Breno Castro Alves.¹⁰³

Para o editor do Caderno 2, o único caminho possível para esta área é crescer.

“O jornalismo cultural impresso nunca vai perder terreno. E cada vez mais, justamente pela concorrência com as novas tecnologias, comporta cadernos diferenciados, suplementos especiais sobre temas específicos, artigos para guardar e ler com calma”, (Carneiro, 2007)

Mas André Fonseca acha que “o jornalismo cultural virou quase sinônimo de agenda cultural. Os cadernos e seções de cultura de jornais e revistas dedicam-se a criticar burocraticamente filmes, espetáculos e cds, divulgar grandes eventos supostamente culturais e criar pautas baseadas com *releases*

¹⁰² “Jornalismo cultural”, de Daniel Piza, 144 pp., Editora Contexto, 2003, SP

¹⁰³ Site “Comunique-se” (acesso 30/07/07).

de assessorias de imprensa. O espaço para análise e reflexão é cada vez menor, e o comprometimento dos grandes veículos com anunciantes e parceiros põe a independência e a imparcialidade do que se publica”.¹⁰⁴

Em 2000, Julio Daio Borges lançou o “Digestivo Cultural” (80.000 visitantes-únicos por mês), do qual é o editor e redator. Ele entende que o papel do jornalista cultural deve ser o de mediação entre a indústria cultural e o leitor, e critica o jornalismo cultural que vem sendo praticado nas revistas e jornais do Brasil.

“Quanto maior o alcance de um veículo, maior a pressão das assessorias de imprensa, que supostamente deveriam fazer a mediação entre a indústria cultural e os jornalistas. O jornalista cultural deveria então, como se diz, separar o joio do trigo – informar e, mais do que isso, formar o leitor, através de sua bagagem e de seu julgamento crítico. Infelizmente, porém, predomina hoje o jornalismo de agenda, onde as vedetes são os guias de fim de semana, e o *modus operandi* (até em termos de linguagem) é o mesmo da divulgação publicitária”.

Ele acredita que “a Internet está mostrando que se vai trabalhar, daqui pra frente, a comunicação pessoa-a-pessoa e não mais o modelo de um-para-muitos. O especialista arrogante, nesse cenário, perde espaço e o palpiteiro descompromissado ganha”.¹⁰⁵

Palpite sem compromisso? É de fato uma mudança e tanto.

Este é o grande problema da rede digital. Como assevera Piza: “não é o culto do amador, o problema da Internet é o circo da mentira”¹⁰⁶, depois de comentar sobre sites e blogs lhe atribuindo um monte de coisa; até perfil falso no *twitter*.

Gay Talese, considerado um dos inventores do “new journalism”, o jornalismo com feições de literatura, acha que “não há alternativa ao grande jornal”.

“Na redação de um jornal há menos mentiroso por metro quadrado do que em qualquer outro

¹⁰⁴ www.canaldaimprensa.com.br Acesso 06/08/07.

¹⁰⁵ www.digestivocultural.com, acessado 01/08/07

¹⁰⁶ Piza, Daniel. 2009.

prédio da cidade. Os jornais estão mais interessados na verdade, mesmo se cometem erros, às vezes, erros involuntários. E se você ainda quer a verdade, é mais fácil chegar a ela por intermédio de um jornal do que em outra qualquer instituição. Os jornais ainda oferecem a melhor chance de manter a verdade em circulação. Cobertura jornalística não se resolve com blogueiros inventando histórias em seus quartos. Os jornalistas hoje são mais bem formados, mas há o lado negativo. Há uma intimidade entre o mundo do governo, o mundo corporativo e o poder da imprensa. É como uma fusão de classes sociais... E acho também que os jornais cobrem governo demais e não o país que não vive perto do governo. Se eu fosse o editor, cortava a redação pela metade e distribuía pelo país". ¹⁰⁷

CONCLUSÃO

Dentro da visão apresentada, os jornais só sobreviverão em nichos específicos de mercado, no qual a análise e o comentário poderão ser as âncoras do noticiário.

O esquema triangular da comunicação comercial é basilar:

- 1) um meio ou veículo
- 2) capta audiência para
- 3) os anunciantes que o financia (a venda em banca responde por menos de 1/3 do faturamento dos jornais, segundo Lourival Sant'Anna; não paga nem o papel, que é subsidiado).

Este é o tripé simples pelo qual os meios de comunicação vieram se desenvolvendo até agora e pretendem assim continuar. Mas esta ancoragem

¹⁰⁷ No Caderno de Cultura do Estado de SP, p 01/ 02. 03/05/09.

econômico-financeira, apenas, é fluida e inconstante como é próprio da cultura digital. Não se firma em solo sócio-comunitário sólido, ainda que flexível, como a comunicação no sentido *compreensivo* (Sodré, 2002, p. 255-256) deveria ser.

A comunicação *compreensiva* é gerada por vínculos comunitários e que se propõe a agir em resposta ao atomismo social e à razão instrumental que define a política centrada no mercado e no predomínio de um Estado gerencial e comunitário. Ela surge pela da “falência da política de projetos” que caracteriza o modelo capitalista presente, conforme assegura a proposição do LECC, Laboratório de Estudos de Comunicação Comunitária, da Escola de Comunicação da UFRJ.

Além da ausência de reportagens, o que se pode observar, também, no material coletado é a falta absoluta de notícias sobre as dezenas de conselhos sociais que hoje existem na administração pública¹⁰⁸. Aliás, nem na *web* há notícia sobre esses conselhos, a não ser o que as próprias prefeituras anunciam.

Assim como, também, não há matérias sobre os legislativos estaduais e municipais, que não seja sob a chancela do escândalo, com as exceções de praxe (frise-se, por mérito, a série de reportagens do Globo sobre a “escandalosa” Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro em 2007).

Enfim, o acompanhamento de políticas públicas é difícil de se acompanhar na imprensa, sem querer fazer jogo de palavras.

Talvez não seja o fórum adequado. Na imprensa há prestação de serviços (ajuda na tomada de decisão sobre consumo, produção, entretenimento e voto, segundo Anthony Downs, citado por Lourival

¹⁰⁸ Lista dos principais conselhos em Juiz de Fora/MG (há mais)
[Agricultura](#), [Alimentação](#), [Assistência Social](#), [Defesa do Consumidor](#), [Desenvolvimento Econômico](#), [Desportos](#), [Direitos da Mulher](#), [Educação](#), [Emprego e Renda](#), [Habitação](#), [Idoso](#), [Juventude](#), [Patrimônio Cultural](#), [Portador de Deficiência](#), [População Negra](#), [Saúde](#), [Transporte](#), [Turismo](#), [Fundeb](#).

Sant'Anna¹⁰⁹) e catarse (fenômeno dos "bodes expiatórios", a transferência de culpa/responsabilidade para os outros).

Na Internet a lógica será a mesma, com outros parâmetros, entre os quais se destaca o da interatividade.

Mas, tal circunstância não significa necessariamente que haverá maior democratização, porque são enormes os recursos envolvidos para captar, guardar e distribuir informação. Os veículos hegemônicos sempre levarão a vantagem em ambos os campos: o da marca, por causa do seu *recall*, e o do capital.

A professora Raquel Paiva considera que:

"a Internet certamente está em sincronia com a tendência atual de segmentação dos públicos em área de interesse direto... A segregação é cada vez mais sutil no sentido de compor grupos, castas, que estão muito além das questões territoriais... Por outro lado, é certo que o excesso informacional não possibilitou aproximação efetiva entre os povos. Pode-se ir e vir através de todo o mundo, física ou virtualmente, em poucos segundos, mas essa viagem não parece ter efeitos mais efetivos do que os provocados por qualquer das drogas conhecidas..."¹¹⁰.

E continua:

"O objetivo aqui é frisar que o entendimento que se persegue de comunicação é aquele que efetivamente possa comprometer o indivíduo com o exercício de sua cidadania, que possa permitir-lhe uma atuação no real-histórico,

¹⁰⁹ Obra citada.

¹¹⁰ Paiva, Raquel. "O Espírito Comum". Editora Mauad. SP. 2003.

podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta... Dentro de um esquema de comunicação comunitária - aquela orientada não por uma lógica puramente empresarial, mas principalmente por determinação grupais ou comunais – importam muito mais os objetivos e o comprometimento entre as partes, para se alcançar metas programadas, do que o uso de x ou y sistema de comunicação”.

GERALDO LÚCIO DE MELO

Rio de Janeiro, maio de 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Bia. Artigo Folha São Paulo. 24/07/05

AIDAR, José Luiz. A invenção do mesmo e do outro na mídia semanal, hiper-mídia distribuída no 1º semestre de 2008, durante seminário da Pós Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ.

AMARAL, M. T. Comunicação e diferença. Rio de Janeiro: Ed. Ufrj, 2005.

ARENDT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BARBOSA, Marialva. Público: uma noção como processo histórico”, disponível no site Ciberlegenda, nº4 , 2001. Acessado em dezembro 2008.

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Ed. Francisco Alves, Rio. 1994

Mitologias. São Paulo: Difel, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 2008.

Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 2004.

BECKER, Ernest. A negação da morte. Rio de Janeiro. Record. 2008

Bobbio. Norberto. “O Futuro da Democracia”. Ed Paz e Terra. RJ. 1984.

BENTHAM, Jeremy. Uma introdução aos princípios da moral e da legislação. *Apud* DIAS, Maria Cristina Longo e ROTTA, Tomas. Revista Filosofia. Ano III. N° 34. 2009.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. Uma história social da mídia. Rio de Janeiro. Zahar Editor. 2004.

História Social do Conhecimento. Rio de Janeiro. Zahar Editor. 2006.

CAIAFA, Janice. Novo Século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Aventura das Cidades. Rio de Janeiro. FGV Editora. 2007

FREITAG, Bárbara. Teorias da Cidade. Rio de Janeiro. Papirus/FBN. 2006

CAMPBELL, Collin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro. Ed Rocco. 2001.

CANCLINI, N. G. Consumidores e Cidadãos. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CANELLAS, Wanessa. Caderno "Prosa e Verso" de "O Globo". 24/01/09. Resenha sobre "Segurança, Território, População", de Michel Foucault. Martins Fontes. Rio. 2008.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. 6.ed. Petrópolis Vozes, 1994.

CHAPARRO, Carlos Manuel, *apud* por Sant'anna, Lourival, 2008

COSTA, Rogério, "A Cultura Digital", da série "Folha explica". São Paulo. Ed. Publifolha. 2003

COSTA LIMA, L. (org). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Maria Cristina Longo e ROTTA, Tomas. 2009. Marx e a Crise. Revista Filosofia. Ano III. N º 34. 2009.

DORIA, Pedro. Blog pedrodoria.com.br. Acessado 29/04/09.

HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública- investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro. Ed.Tempo Brasileiro. 1984.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, Otávio. O príncipe eletrônico. In Enigmas da modernidade-mundo. São Paulo. Civilização Brasileira. 2003;

JOHNSON, Steven e STARR, Paul. Debate no "Caderno Mais" da Folha de São Paulo.10/05/09. A íntegra saiu na *Prospect*,(o jornal não informa a data original).

JOHNSON, Steven. Emergência - A Dinâmica em Rede em Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares. Editora

JULIASZ, Fábia. A internet no Brasil, disponível em http://WWW.abranet.org.br/doc/apresesUOLmaio_06FJ1.pdf. *apud* SANT'ANNA, Lourival. O destino do jornal. Rio de Janeiro/São Paulo. Record. 2008.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. 2 volumes. Rio de Janeiro. Zahar Editor.1993.

ENGELS, Friedrich. 1890. *Apud* Dias, Maria Cristina Longo e Rotta, Tomas. Revista Filosofia. Ano III. N º 34. 2009.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. Especial. São Paulo. Revista "Mente, Cérebro & Filosofia". Nº06. 2007.

KELLNER, D. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEÃO, Emanuel Carneiro *apud* MAURÍCIO, Patrícia

LÉVY, Pierre. Cibercultura, São Paulo. Ed 34, 1999.

LIMA, V. A. Mídia: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

LLOYD, John, "Financial Times"/Caderno MAIS da Folha São Paulo, Tradução de Paulo Migliacci.

LUHMANN, Nicklas. Realidade dos Meios de Comunicação. São Paulo. Ed. Paulus. 2005.

MALINI, Fábio. O comunismo da atenção. Disponível no site "Jornalismo Digital". Acessado em 30/07/07.

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTIN-BARBERO, J.; REY, G. Os exercícios do ver. São Paulo: Senac, 2001.

MARX, Karl. 1845. Teses contra Feuebach. 1845. p. 58. *apud* DIAS, Maria Cristina Longo e ROTA, Tomas. Revista Filosofia. Ano III. N º 34. 2009.

MARTON, Scarlett. Nietzsche. Das forças cósmicas aos valores humanos. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2000.

MAURÍCIO, Patrícia, Dissertação de mestrado, Pós-Eco, UFRJ. 2008

MATTELART, A; MATTELART M. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

MILL, John Stuart. 1836. On the definition of political economy. P. 322. *Apud* DIAS, Maria Cristina Longo e ROTTA, Tomas. Revista Filosofia. Ano III. N° 34. 2009.

MORIN, E. Cultura de Massas no século XX. O espírito do tempo – I. Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1984

NIETZSCHE, Friedrich. Especial. São Paulo. Revista "Mente, Cérebro & Filosofia". Nº04. 2007.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. Rio de Janeiro/São Paulo. Ed Record. 2005.

PIZA, Daniel . Jornalismo cultural , São Paulo, Editora Contexto, 2003
Artigo Estado SP, Cultura, pg 03, 03/05/09.

PAIVA, Raquel. O Espírito Comum. Rio de Janeiro. Ed Mauad. 2003.

REICH, Robert. O Trabalho das Nações. São Paulo. Ed Educator. 1994.

REIS, Fábio Wanderley. Política e Racionalidade. Belo Horizonte. Humanitas/UFMG. 2000

SANT'ANNA, Lourival. O destino do jornal. Rio de Janeiro/São Paulo. Record. 2008.

SANTOS, Sousa Boaventura. Pelas mãos de Alice. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo. Editora Cortez. 2008.

SANTORO, Fernando. Arqueologia dos Prazeres. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, Coleção Filosófica. 2007.

SENNETT, R. O declínio do homem público. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis. Afeto, Mídia e Política. Petrópolis/RJ Vozes. 2006
Antropológica do Espelho.Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis/RJ. Vozes. RJ.
Sociedade, Mídia e Violência.Porto Alegre/RS. Editora Sulina.2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad.1999.

SCLIAR, Moacyr. Enigmas da Culpa. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, Coleção Filosófica. 2007.

SIBILIA, Paula, pesquisadora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF) em entrevista à IHU On-Line, acessado 02/04/09.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, 2003.

Textos do mestrado Pós-Eco/UFRJ. Pastas Janice Caiafa

José Luiz Aida

Márcio Tavares d'Amaral
Micael Hershmann
Mohammed Elhajji.
Muniz Sodré
Paulo Vaz

THOMPSON, J.B, A Mídia e a Modernidade, Petrópolis/RJ. Vozes, 1995.

VALE, Israel. Mídia Tática. Jornal "O Tempo", de Belo Horizonte /MG, 04/08/07.

VAIA, Sandro *apud* SANT'ANNA, Lourival O destino do jornal. Rio de Janeiro/São Paulo. Record. 2008.

VATTIMO, G. Sociedade Transparente. Lisboa: Relógio D'Água, 1992

ZIZEK. S. Um mapa da ideologia. Contraponto. Rio de Janeiro. 1996.

WWW.comunique-se.com.br

www.canaldaimprensa.com.br Acesso 06/08/07.

www.digestivocultural.com, acessado 01/08/07

ANEXO UM

**MANCHETES DE
JORNAIS NOS
PRIMEIROS DIAS DE
SETEMBRO, OUTUBRO
DE 2008
E JANEIRO DE 2009.**

esporte

Palmeiras bate
Atlético-PR em Curitiba

esporte

Depois do ouro olímpico, **Maurren Maggi** assume lado celebridade

PF vai investigar grampo no Supremo

Lee Celano/Reuters



Morador deixa a Bourbon Street, em Nova Orleans, diante da ordem de evacuar a cidade antes da chegada do furacão Gustav

O presidente Lula mandou a Polícia Federal investigar o grampo ilegal da conversa entre o presidente do STF, Gilmar Mendes, e o senador Demóstenes Torres (DEM-GO). Em reunião de emergência marcada para as 9h de hoje, Lula informará Mendes de sua decisão. O inquérito vai apurar o eventual envolvimento de agentes secretos da Abin e de integrantes da Polícia Federal na escuta.

mundo

Furacão leva à fuga de quase
2 milhões para o interior do EUA

cotidiano

Construtoras propõem obras de R\$15,6 bi em São Paulo

dinheiro

Passagens de avião sofrem aumento de 40% neste ano

cotidiano

Entrevista da 2ª:

Avaliações não auxiliam escolas, diz pesquisador

esporte

Luxemburgo muda o jeito de
jogar e vence a 3ª fora de casa

esporte

São Paulo e Santos ficam no 0 a 0

folhateen

Garotas fogem da exposição dos blogs
e voltam a escrever em diário de papel

ESTADO SP 01/09/09

[Lula decide mudar a Abin após espionagem no STF](#)

[Presidente se reunirá com Supremo e promete 'enquadrar' Agência de Inteligência](#)

[São Paulo tem 1.069 obras paralisadas](#)

[Embargo não impede destruição](#)

[Mão-de-obra migra da loja para fábrica](#)

[Emprego industrial cresce 5,8%](#)

[Furacão faz New Orleans virar cidade fantasma](#)

- SOCIEDADE

Aborto de anencéfalo é liberado em 54% dos casos

[De 2001 a 2006, tribunais do País receberam 46 pedidos de interrupção da gravidez de anencéfalos. Aborto de anencéfalo é liberado em 54% dos casos](#)

- AVALIAÇÃO

[Prova do Enem foi mais difícil, dizem professores](#)

[Professores consideraram complexo o Exame, com 4 milhões de inscritos. Ele teve redação e 63 questões. O gabarito está disponível no portal \[estadao.com.br\]\(http://estadao.com.br\)](#)

O GLOBO

Dia 1º setembro 2008, segunda-feira.

CAPA Cabeçalho: 1) Fla-Flu, emoção no empate em 2 a 2
2) Novo milionário das pistas (Stock Car)

MANCHETE: 3)Governo, STF e Congresso se mobilizam contra grampos

Chamadas : 4) Classe média chega a 8% nas favelas (da série Favela S/A)
5) Câmara do Rio aprova leis inconstitucionais
6) Razão Social(chapeleta): ONG criada por Betinho
agora luta pelo ensino
7) IMS expõe obra de Alécio de Andrade
8) Furacão esvazia Nova Orleans(prefeitura ordena retirada e Bush
cancela ida à convenção)
9) “O petróleo não é de nenhum Estado” (frase de Lula)

Editorialete na 1ª: HORA DE AGIR (sobre grampo no STF)

Charge do Chico: Aula Magma (Lula no quadro negro: vejam bem o Pré-Sal é uma Espécie de cheque pré-especial: já estamos gastando por conta!)

Página 2: Coluna de Ricardo Noblat, título : Estado policial, sobre a ABIN.

FOLHA SP 03/09/09

Abin tem maleta de grampo, diz Jobim

Lula inaugura pré-sal e não fala em novas regras
Foto Legenda: Observado pelo ministro Edison Lobão, o presidente Lula suja com óleo do pré-sal o macacão da ministra Dilma Rousseff.

Bush usa tom belicista apra defende voto em John McCain

Chefe interino da agência trabalhou com Daniel Dantas

Opinião> Tércio Sampaio Ferraz Júnior: Por trás da opção de fumar ou não está a liberdade

País tem 9 mil presos com a pena cumprida

Homens ficam 2 anos na cadeia por crime de maníaco

Google lança seu navegador Chrome para concorrer com Explorer e Firefox

Parreira estréia como executivo e “olheiro”, para revelar jogadores e treinadores

Grampo acirra crise entre PF e Abin

Tarso Genro lança suspeitas contra agência; Abin desconfia de espionagem da PF no Senado

Alckmin quer 18 mil câmeras de segurança

Tucano anunciou plano, inspirado em Bogotá

Vida sexual dos jovens: mais cedo e mais vezes

19% disseram que tiveram pelos menos 5 parceiros

Planalto fortalece Petrobrás no pré-sal

- polêmica republicana

Passado de vice de McCain agita campanha

As suspeitas e contradições sobre Sarah Palin estão se avolumando e têm ofuscado a mensagem da convenção do partido

- trânsito

Em 4 anos, SP ganha 4 milhões de novos motoristas

Metade deles na faixa entre 30 e 50 anos. Os motoristas com mais de 80 anos chegam a 90 mil

(Ao lado de Dilma, Lula faz extração simbólica do pré-sal em campo de fácil exploração)

BOX: Auto-suficiência em marketing

- 1) Aeroporto de SC terá mais verba que Galeão
- 2) STJ reduz pena de Pimenta, ainda solto
- 3) ELEIÇÕES 2008: TRE apreende 500 quilos de “lixo eleitoral”
- 4) A prioridade de Kassab é Serra
- 5) Comlurb dará desculpa para remover carros
- 6) SEGUNDO CADERNO: chamada: artistas criticam fim das caravanas do Pixinguinha
- 7) CARRO E ETC.(suplemento): O novo Focus chega da Argentina....

FOLHA SP 04/09/09

Chapeletas: Saiba quando vale a pena substituir o açúcar pelos novos adoçantes

Turismo :Automobilismom tecnologia renova parques

CPI pede quebra de sigilo de duas operações da PF

ESTADÃO 4 de setembro de 2008

Governo esvazia novo leilão de áreas de petróleo

ANP oferece apenas blocos em terra e afasta grandes investidores das novas concessões de exploração

Abin diz que Exército tem equipamento para grampos

Os equipamentos da Abin e do Exército seriam idênticos

Vice na chapa de McCain ataca pressão da imprensa

Sob pressão, a republicana Sarah Palin disse que isso ocorre porque ela não é da “elite de Washington”

O GLOBO 4 DE SETEMBRO 2008

Chapeleta: Cesar premia vans com publicidade

Boxinho: A vingança do prefeito(fiscalização contra o dono da Casa Matriz, que escreveu artigo denunciando desordem urbana)

MANCHETE: Judiciário faz mea culpa

Sobre farra de grampos

(CPI convoca Jobim para saber se Abin tem equipamento de escuta)

3) A nova arma do tráfico(foto com jacarés)

4) Rio tem sinal verde para assumir Galeão

5) Fla vence e passa para o quarto lugar

6) Eleições 2008: Propostas para vagas para a Cultura

7) Marta: SP está parando

8) Governo quer aliviar contas da Petrobras

9) Miriam Leitão: Petrobras negocia acordo que mantém poluição do ar, com a benção de Minc

10) Saúde: 60% dos gastos são de famílias

11) Sob críticas, vice de McCain ataca Obama

12) Segundo caderno: atriz Sandra Corveloni, premiada em Cannes, é a estrela de “Linha de Passe”, que estréia amanhã

13) Revista Boa Viagem: Cidade do Cabo investe para ser uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 na África do Sul

14) Texto legenda. PT-PAC não decolou (avião que caiu em Congonhas)

Bolsa cai ao menor nível em 1 ano

Chip Somodevilla/Getty Images/France Presse



John McCain acena para os convencionais republicanos reunidos em St. Paul, onde proferiu discurso de aceitação da candidatura

Uma queda de 3,96% levou a Bovespa a 51.408 pontos, menor nível desde agosto de 2007. Já o dólar subiu 2,68% e foi a R\$ 1,722, maior cotação desde 2 de abril. O desconforto com o enfraquecimento da economia européia se aprofundou, dando impulso ao dólar e derrubando commodities. Nos EUA, o pessimismo com a Europa se somou a dados ruins sobre emprego no país.

mundo

McCain declara ser o candidato da mudança

brasil

Folha estréia serviço on-line sobre candidatos a prefeito e a vereador

dinheiro

VINICIUS TORRES FREIRE:

Em liquidação, mercado pede tutu aos EUA

cotidiano

Mãe investiga morte do filho e 'condena' 2 PMs

cotidiano

Polícia levou 2 dias para levar a exame inocentes de crime

dinheiro

País tem 90 mil novos milionários, afirma pesquisa

ilustrada

Símbolo do brega, Waldick Soriano morre aos 75

esporte

Leão acusa torcida de agressão
após cobrar dívida do Santos

ESTADO SP

05/09/08

[Lula autoriza plano para privatizar Galeão e Viracopos](#)

[Governo quer novo modelo para aeroportos e pode abrir capital da Infraero](#)

[Incerteza global derruba ações e fortalece o dólar](#)

[Cotação da moeda americana ultrapassa R\\$ 1,70](#)

[Punição por grampos pode ser mais severa](#)

[A proposta prevê perda de emprego e ação de improbidade administrativa](#)

[McCain diz que vai 'mudar Washington'](#)

-
- SOCIEDADE

Temporão defende direito ao aborto de anencéfalos

[O ministro da Saúde mencionou a dor de “mães obrigadas a levar a gestação, mesmo sabendo que o feto não sobreviverá após o parto”](#)

- SISTEMA CARCERÁRIO

[S. Paulo quer que empresas administrem penitenciárias](#)

[O governo paulista está definindo um modelo para gerenciar presídios em parceria com a iniciativa privada, informa o repórter Bruno Paes Manso](#)

O GLOBO

5 de setembro 2008

Capa

Chapeleta Fernando Torres, ator, aos 80 anos
 Waldick Soriano, rei do brega, aos 75 anos
(2o.caderno) A estréia solitária de um Hermano

MANCHETE : Lula aceita idéia de Cabral
 e decide privatizar Galeão
(Governador diz que mudança vai beneficiar candidatura do Rio para
2016)

FOTO PRINCIPAL: Blitz contra táxis piratas na Ilha, perto do Galeão

- 1)Temor de recessão global derruba bolsas
- 2)Jobim confirma que ABIN pode fazer grampo
- 3) EUA: McCain também prega mudança
- 4) Vasco perde com Edmundo como goleiro
- 5) Eleições 2008: Propaganda enganosa(Solange mostra na TV o que a
prefeitura já não entrega)
 Chico promete o que não pode fazer
 Um bairro à espera da revitalização(Engenho de Dentro)
 Tropas para eleição chegam em 7 dias
- 6)Miriam Leitão: Minc endurece com diesel limpo e fábricas terão de
parar produção de ônibus e caminhões.
- 7) Luiz Garcia: Pimenta Neves, o homem que o Judiciário brasileiro não
consegue botar na cadeia

Charge do Chico: Grampos: Como decidir (aparecem Jobim e Gal Félix
disputando par-ou-ímpar)

2ª. PÁGINA

Coluna PANORAMA POLÍTICO

Ibope: Mais de 50% das pessoas não votam em partido, mas sim no
candidato.

Texto legenda: Cielo numa piscina em SP

Sub- CHAMADAS

Seção por dentro do Globo: Aviso sobre Quadrinhos com o surfista Rico
amanhã na página de esportes.

Tese do filósofo **Bento Prado Jr.** guardada por 30 anos é publicada

esporte

Rebeca Gusmão é banida da natação pelo resto da vida

Uso do transporte público cresce em SP após 40 anos

Lalo de Almeida/Folha Imagem



Em loja da av. M'Boi Mirim, na zona sul de SP, a petista Marta Suplicy ganha beijo

cotidiano

Rapazes narram sessões de tortura policial em delegacia

brasil

Presos 6 acusados de integrar suposta milícia de petista

opinião

FERNANDO RODRIGUES:

Disputa pela Casa Branca está mais aberta que nunca

dinheiro

Concessão de aeroportos poderá ser adotada em 2009, diz Jobim

dinheiro

Desemprego nos EUA é o maior em 5 anos

mundo

Pesquisa feita pelo Metrô de São Paulo revela que, pela 1ª vez em 40 anos, o uso do transporte coletivo inverteu a tendência de queda na região metropolitana. Segundo o estudo, feito em 2007 em 30 mil domicílios, 55% das viagens motorizadas são por ônibus, trem ou metrô, e 45%, por carro, moto ou táxi. Em 1967, na 1ª pesquisa, 68% dessas viagens eram por meio de transporte coletivo.



Oposição na Bolívia ocupa estação de gás

vitrine

Saiba como começar a comprar trabalhos
artísticos por preços acessíveis

folhinha

Nos seus 45 anos, suplemento relembra
o que foi notícia e estréia blog

ESTADO SP

6 de setembro de 2008

[Oposição vai à Justiça contra ajuda eleitoral de Dilma ao PT](#)

[Ministra faz promessas na campanha petista em SP; adversários acionam o TRE](#)

[Novo aeroporto de São Paulo terá controle privado](#)

[O ministro da Defesa, Nelson Jobim, disse que está em estudo a concessão privada](#)

[Na Suíça, TAM contrata irmão de Denise Abreu](#)

[A TAM nomeou o advogado Olten Ayres de Abreu Junior seu representante na Suíça](#)

[Devastação no Haiti: lama e morte](#)

- **SABATINA**

Soninha diz que Câmara vende votos

[a candidata do PPS à Prefeitura, Soninha Francine, afirmou que vereadores votam pelo que “receberão em troca”](#)

- **SOCIEDADE**

[Transporte coletivo é o que mais cresce em SP](#)

[O total de viagens em transporte coletivo na Grande SP subiu 30% em dez anos, contra 13% das individuais, diz pesquisa](#)

O Globo 6 de setembro 2008

CAPA

Chapeleta: 1) Madonna fará mais um show

- 1) Ela(suplemento): dirigentes de um centro de cabala esperam a cantora
- 2) Segundo Caderno: A dama dos musicais faz rir(sobre Bibi Ferreira)
- 3) Prosa & Verso: O israelense Amós Oz fala sobre "Rimas da vida e da morte"...
- 4) Globinho: brinquedos inventados e feitos por crianças

MANCHETE: 1) ALIMENTO DEIXA DE SER VILÃO
DOS PREÇOS E FAZ INFLAÇÃO CAIR

FOTO PRINCIPAL: Treino da seleção com o título:

- 2) Lula entra em campo e leva canelada(fez comentários sobre a seleção e Dunga que revidou)
- 3) Cidade da Música tem gasto recorde
- 1) Galeão: BNDES e Jobim prevêm prazos diferentes
- 2) Até Polícia Rodoviária faz grampo
- 3) Enquanto isso, na Guatemala(presidente de lá demitiu chefes da inteligência e da segurança por ter sido alvo de grampo)
- 4) Eleições 2008: Festival do uso da máquina(prefeitos usam propaganda institucional para se reeleger)
- 5) Rosinha é obrigada a ser Garotinho(TRE negou pedido de novo nome no qual omitia o do marido)
- 6) Charge do Chico: Entrevistado no último carro: "Waldick Soriano- eu não sou cachorro não; Fernando Torres- Tudo bem, mas eu sou Fernando Torres, sim!"

2ª. PÁGINA

- 1) Texto-legenda com o líder líbio Muamar Kadafi recebendo a secretária de Estado, Condoleeza Rice- 1ª visita americana em 53 anos.
- 2) PANORAMA POLÍTICO, sem destaque, exceção de uma foto intitulada "Vôo da Alegria", na qual aparecem Lula, Dilma e Edson Lobão(MME): " a bichinha tá gostando", disse o presidente referindo-se à pré-candidatura da secretária-geral que deu uma sonora gargalhada.

especial

Moradores da região mais pobre de SP acham que a vida melhorou

esporte

Robinho diz que vai jogar para salvar Dunga

Alckmin e Kassab estão empatados



Pisco del Gaiso - 25.ou71994/Folha Imagem

Alckmin e Kassab juntos 14 anos atrás, em evento de apoio à candidatura de Mário Covas ao governo de São Paulo

Nova pesquisa Datafolha sobre a eleição à Prefeitura de São Paulo mostra, pela primeira vez, empate técnico no segundo lugar entre Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Gilberto Kassab (DEM). Marta Suplicy (PT) continua líder, com 40%. Mantendo a curva ascendente, Kassab oscilou positivamente dois pontos e chegou a 18%, contra 22% de Alckmin, que variou dois pontos para baixo.

brasil

Serra e Dilma decidem não privatizar a Cesp

dinheiro

YOSHIAKI NAKANO: 2008 marca o fim do longo ciclo de expansão mundial



ilustrada

Visita a teatros constata falhas em seguranças

mundo

Viúvo de Benazir Bhutto é virtual
presidente eleito do Paquistão

mundo

Tempestade no Haiti tem mais de 520 mortes

mais!

TOM CHIARELLA: Aos 46 anos, me
convertei de propósito em fumante por um mês

cotidiano

ROGÉRIO PAGNAN: Procurei o
setor público para parar de fumar

O GLOBO 7 setembro 2008

CAPA

Chapeleta: 1) REVISTA: a) As artimanhas dos olheiros
para descobrir novos talentos
b) Troca-troca: Bazares com permuta
de discos, roupas e até bolo viram mania

2) 2o. caderno: Onde encontrar no Youtube
50 vídeos culturais que fazem história

3) Revista da TV: Hans Donner revela como faz aberturas

MANCHETE: NÚMERO DE SERVIDORES SOBE
27% E JÁ PASSA DE 1 MILHÃO

FOTO PRINCIPAL: Título: JEITINHO CARIOCA

Legenda: Para espantar medo de assaltos, cariocas
correm em grupos na Lagoa(foto), no Aterro e à beira-mar.

Chamadas: 3) Eleições 2008: Paes passa Crivella no Datafolha

4) Candidatos pedem votos da cadeia (estão presos)

5) Méier, sem verde e sem cinemas

6) Até chefes do tráfico obtêm carteira falsa(do DETRAN)

7) ABIN atua sem controle externo

- 8) Robinho: time vai jogar hoje por Dunga
- 9) Charge de Chico: Fausto Wolff- “O jornalista pede desculpas e morre”.

2a. PÁGINA

- 1) Texto-legenda: Na piscina de uma cobertura no Humaitá, Cecília Breves, diretora da SOS Aves posa com pingüins que têm chegado ao Rio por causa do aquecimento global e não cabem mais no zôo. Ela quer um aquário.(Coluna GENTE BOA)
- 2) PANORAMA POLÍTICO: Governo quer confiscar terras acima de 2500 ha. na Amazônia, proposta de Unger, menos as produtivas.

OUTUBRO

O GLOBO 01/10/08

MANCHETE : 1) Governo abandona otimismo
e decide mudar Orçamento

Coordenadas(sub): A reação dos mercados(queda das bolsas)

O Brasil na crise

Governo Bush faz ajustes ao plano para levá-lo ao Senado

Dólar em setembro tem a maior alta em seis anos

Chamadas para artigos de Joseph Stiglitz: “Pacote terá pouco efeito sobre economia”

Richard Cohen: “BC dos EUA sabe bem o que temer”

2) Minc admite rever lista que publicou sem ler

- 3) Paquetá já tem violência e facções
- 4) Exército dispensa recrutas por falta de verbas

Eleições 2008-10-01

- 5) Vans desafiam a lei e atacam Eduardo Paes
- 6) Paulo Ramos, 1%, inviabiliza debate
- 7) César explode gastos com pessoal

2º. Caderno

- 8) Gigante nos anos 90, Oasis chega burocrático ao 7º. disco

Rio Show

- 8) Festa para o melhor da gastronomia

Carro *etc*

- 9) Voyage retorna renovado para disputar mercado dos sedãs compactos

Charge do Chico

“Trajes de guerra”: encontro dos 3 presidentes (Chávez, Corrêa, Evo) com Lula em Manaus, vestidos à caráter, como têm feito.

PÁGINA 2 O PAÍS

Coluna Panorama Político: Segurança ameaçada(sobre falta de grana no Exército)

Texto-legenda: Treino de resgate pela PM na Baía da Guanabara

Chamadas:

- 1) Secretárias do Planalto recebem passagens e brindes em festa
- 2) EUA e Rússia cercam piratas com carregamento suspeito(navio ucraniano com armamentos é seqüestrado na costa da Somália, onde é comum este crime)
- 3) TCU recomenda que governo interrompa 16 obras do PAC
- 4) Brasil arrasa em estréia na Copa do Mundo de Futsal
- 5) Comerciantes são vítimas de assaltos na Rua da Passagem
- 6) Americanos descobrem óleo no pré-sal da Bacia de Campos

- 7) EUA: debate amanhã põe à prova estilos de Sarah e Biden
- 8) Bloomberg cita crise para tentar 3º. Mandato em NY
- 9) Ancelmo Góis: Turma de Medicina da UERJ de 72 só vai se formar este ano

ESTADÃO 01/10/08

NACIONAL

AMBIENTE

- [Lula nega a Minc liberação de R\\$ 1 bi](#) ➡
- [Força Aérea faz vigilância diária da Amazônia](#)

DINHEIRO DE PLÁSTICO

- [STF autoriza ex-assessor a se calar na CPI](#) ➡
- ['Não há hipótese' de Erenice sair, diz Múcio](#)

DORA KRAMER

- [Sem querer querendo](#)

OPERAÇÃO SANTA TEREZA

- [Lobista assinou liberação de recursos para ONG](#) ➡
- ['Assinei como testemunha porque estava por perto', afirma Emediato](#)
- [Justiça bloqueia bens de foragido](#)

CONTAS PÚBLICAS

- [Lula rejeita paternidade da nova CPMF](#)
- [Temporão e Miguel Jorge divergem](#)
- [Fundo Soberano de Mantega cria saia-justa para Planalto na saúde](#)
- [PT e PMDB se mobilizam por novas fontes de verba](#)

SUCESSÃO

- [Boicotado por tucanos, Alckmin fecha com PTB](#)
- [Marta comemora pesquisa e reforça ataque a rivais](#)
- [Ministros terão cartilha para subir em palanques](#)

GOVERNO

- [País gastará R\\$ 15 mi com imagem externa](#)

INVESTIGAÇÃO

- [Caso Alstom repete esquema Pau Brasil](#)
- [Filho e neto de Jango pedem ajuda da OAB](#)

ANOS DE CHUMBO

- [Procurador pede ao STF fim de sigilo de papéis](#)

TERRA SEM LEI

- [Confronto em Serra Pelada deixa 20 feridos](#)

ESTADOS

- [Yeda sabia de fraude no Detran, diz ex-secretário](#)

QUESTÃO AGRÁRIA

- [Incrá dá R\\$ 108 mil a assentado por engano](#)

ADMINISTRAÇÃO

- [Presidente do TJ assume governo do PR](#)

JUSTIÇA ELEITORAL

- [TSE explica regras deste ano aos partidos](#)

INTERNACIONAL

CORRIDA À CASA BRANCA

- [Hillary acusa rival de declarar vitória antes do tempo](#) ➡
- [Tensão domina ato pró-senadora](#)

COLÔMBIA

- [Rendição de guerrilheira é duro golpe para as Farc](#) ➡

VENEZUELA

- [Caracas diz que EUA violaram espaço aéreo](#)
- [Para Pentágono, 'problema técnico' causou incidente](#)

ÁFRICA

- [Mais 10 imigrantes são mortos na África do Sul](#) ➡
- [Xenofobia é explícita no país](#)

ÁSIA

- [China pára por vítimas do terremoto](#) ➡
- [Brasil envia US\\$ 200 mil em ajuda ao país](#)
- [Catástrofe deve provocar queda perceptível do crescimento chinês](#)

MIANMAR

- [Junta aceita ajuda de países vizinhos](#)

RÚSSIA

- [Medvedev lança plano anticorrupção](#)

ITÁLIA

- [População de Nápoles queima pilhas de lixo](#)

ZIMBÁBUE

- [Governo é acusado de planejar matar opositor](#)

ARTIGO

- [Os estranhos contatos da França com o Hamas](#)

VIDA&

EVOLUÇÃO

- [Cientistas 'ressuscitam' gene de tigre](#) ➡

CLIMA

- [Aquecimento pode diminuir furacões no Atlântico](#) ➡

VIDA MARINHA

- [Mares da Antártida guardam 'cidade' com dezenas de milhões de estrelas-do-mar](#)

BIODIVERSIDADE

- [Cuidar do ambiente é 'tarefa hercúlea'](#)

ESPAÇO

- [Nasa marca viagem de ônibus espacial](#)

ASTRONOMIA

- [Pulsar preso a órbita surpreende cientistas](#)

EDUCAÇÃO

- [Cidades podem ter recurso suspenso](#)

BIOLOGIA

- [Grã-Bretanha aprova embriões híbridos](#)

MEDICAMENTOS

- [Compras da Saúde terão novas regras](#)

GESTÃO

- [País gastará R\\$ 83 bi com doenças, diz OMS](#)

AIDS

- [Descoberta do HIV completa 25 anos](#)

CONTRACEPÇÃO

- [Cresce oferta de cirurgias no SUS](#)

PROPRIEDADE INTELECTUAL

- [Países podem questionar líder eleito para OMPI](#) ➡
 - [Brasil é visto como radical no debate sobre tema](#)

VIGILÂNCIA

- [18 pessoas são denunciadas por fraude do leite](#)

O GLOBO 02/10/08

CAPA/PRIMEIRA PÁGINA

Manchete: EUA: Senado aprova socorro
mas custo vai a US\$ 850 bi
(Pressão eleitoral inclui no pacote até ajuda a vítimas de furacão)

Coordenadas: 1)“Lula: Cuidem do crédito que o Natal tá aí”

2)O Dia D para o estilo Sarah Palin

- 1) Apac não impede demolições no Leblon
- 2) Marinha ameaça interrompe patrulhas navais
- 3) Caracas à frente entre as mais violentas
- 4) Flu volta a decepcionar e só empata
- 5) Obituário: Joaquim(Baby) Monteiro de Carvalho, aos 95 anos
- 6) Revista Boa Viagem: Gastronomia, artesanato e História da França em Lyon
- 7) 2º. Caderno: O ex-ministro Gilberto Gil volta à música sem saudades da política

ELEIÇÕES 2008

- 8) Texto-legenda: Fanfarra eleitoral- Exército(foto da banda) entra no Complexo do Alemão tocando hinos dos clubes cariocas. A ocupação mobilizou o maior contingente da Operações Eleições, com 3.500 soldados. Uma bandeira do Brasil foi fincada no ponto mais alto do conjunto de favelas.
- 9) Esforço final de Gabeira e Crivella pelo 2º. Turno
- 10) SP: Kassab abre oito pontos sobre Alckmin
- 11) Em BH, 2º. turno surge no cenário(Quintão subiu para 23%. MLacerda tem 45%)
- 12) BA: João Henrique lidera em Salvador

PÁGINA 2

O PAÍS

- 1) **Texto legenda:** Flagrante da favelização em Paquetá
- 2) **COLUNA PANORAMA POLÍTICO:** Fim de uma era(sobre César Maia)

CHAMADAS

- 3) Odebrecht aceita parte das exigências feitas pelo Equador
- 4) DETRAN não exige mais prazo de validade para identidade
- 5) Parque da Catacumba pode ter irregularidade em obra
- 6) Ação da PF deflagra prisão de 121 por pedofilia n Espanha
- 7) México: crime pode gerar lei contra impunidade na polícia
- 8) Dia de zebras na Copa do Mundo de Futsal no Rio
- 9) Origens da Aids remontam ao fim do século XIX na África
- 10) Após 90 anos, Rússia reabilita o seu último czar, Nicolau II

“Por dentro do Globo” fala da volta de Sérgio Brito como crítico de teatro

O GLOBO 03/10/08. SEXTA- FEIRA

CAPA/PRIMEIRA PÁGINA

MANCHETE :1) TEMOR DE NOVO VETO A PACOTE
NOS EUA DERRUBA AS BOLSAS

Coordenada 2) Sarah atrapalha McCain

Charge de Chico mostra a dupla de candidatos lá: “quem perdeu?” sobre debate dos vices

3)Graziano: Minc expôs sujeira sob o tapete

1) Privatização em rodovias federais avança

2) Chefe da Scotland Yard se demite

6) Segundo Caderno: O mundo pornô e seus profissionais

7) Segundo Caderno: A pena do mestre- Novo crítico de O Globo, Sérgio Brito
fala sobre ‘Nenê Bonet’, de Janet Clair

8) Artur Dapieve, de Laranjeiras ao Aterro, colunista se submete ao jogging de 7
erros

ELEIÇÕES 2008

9) Textão-legenda, ‘ A conquista do Oeste’, com fotos de Crivella e Gabeita na
Zona Oeste

10) Apoiado por Lula, Severino sobe

11) Flu demite Cuca e chama Renê Simões

12) COB: Nuzman é reeleito, na surdina

13) Seleção vence por 21 a 0 na Copa de Futsal

PÁGINA 2

O PAÍS

1) Texto legenda: árvore caída pela chuva no Corte de Cantagalo

2) Panorama Político: “É a crise”, reunião de Lula sobre EUA pós-eleição

CHAMADAS

3) ANP retira 32 blocos da nova Rodada de petróleo deste ano

4) Nome de brasileiro entre os cotados para Nobel

5) Orçamento estadual para 2009 ignora crise mundial

6) Bandidos atacam a tiros posto da PM na Cidade de Deus

7) Brasileiro é encontrado morto em uma praia de Nova York

8) Descobertas na Grécia estátuas em porto submerso

9) Governador lança programa de adoção de escolas no Rio

10) Correa diz que pode manter Odebrecht fora do Equador

11) Fernando Calazans: Num Flu de dirigentes e jogadores perdidos, quem cai é o
Cuca

12) POR DENTRO DO GLOBO: ‘Vive la différence’. Sobre a Tatiana Furtado que
começou como estagiária, fazia o ‘tijolinho” e agora vai ser repórter esportivo
numa equipe só de homens(são sete)

O GLOBO, DOMINGO, 05/10/08

CAPA/PRIMEIRA PÁGINA

MANCHETE : *ELEIÇÕES 2008*

- 1) QUEM VAI DAR JEITO NISSO(Favelização, trânsito caótico, desordem urbana e conservação de ruas são desafios para novo prefeito)
- 2) Pesquisas: Gabeira e Crivella ainda empatados (Ibope e Datafolha registram crescimento do verde, mas divergem sobre colocação, um dos dois enfrentará Paes)
- 3) Kassab cresce e deve disputar com Marta
- 4) Em Minas, candidato de Aécio terá que enfrentar 2º. Turno
- 5) Ex-´prefeitos do Rio revelam seus erros no comando da cidade
- 6) Jovens da favela e do asfalto querem eleger políticos honestos
- 7) Na região da zona portuária, a história se mistura à decadência
- 8) Vinte anos depois, falta regulamentar mais de ¼ da Constituição
 - 9) Dívidas de empresas crescem R\$ 64,6 bi
 - 10) Ampliar tropa custaria à PM R\$ 281 milhões
- 1) Fla vence, Botafogo e Vasco perdem

REVISTA DA TV

- 2) Falabella: um toque de humor às 18 h

SEGUNDO CADERNO

- 3) As escolhas de John Malkovicht

PÁGINA 2

- 1) Panorama político: O confronto
- 2) Texto-legenda: corredores de preparam para a Meia Maratona domingo próximo

CHAMADAS

- 3) Equador ameaça nacionalizar campo explorado pela Petrobras
- 4) Carioca quer alimento natural, mas produto vem de fora do Rio
- 5) Obama conquista votos de brasileiros em Boston
- 6) ‘Vila do câncer’ tenta obter ajuda de governo chinês
- 7) Após Pequim, Maurren Maggi vive momentos de celebridade

COLUNAS E ARTIGOS

- 8) Elio Gaspari: é só prestar atenção a Warren Buffet
- 9) Ancelmo Góis: gari Renato Sorriso garante que Brasil supera crise
- 10) JUbaldio Ribeiro: onde achamos tanto ladrão, mentiroso, salafário, é só olhar ao redor
- 11) Joaquim Ferreira dos Santos: Cine Jóia, da mesma família do Paissandu, Serpa reaberto

Renato Maurício Prado: ninguém fala abertamente, mas já fracassou a Timemania

O GLOBO 06/10/08.

CAPA/PRIMEIRA PÁGINA

CAPA/PRIMEIRA PÁGINA

MANCHETE : 1) Rio derrota Cesar e Crivella;

Paes e Gabeira vão a 2º. Turno

- 1) Fichas sujas são eleitos até na cadeia
- 2) Kassab surpreende e lidera apuração
- 3) Em BH, eleitor pune “salto alto” de Aécio

PÁGINA 2

O PAÍS

- 1) Texto-legenda: engarrafamento cívico

Chamadinhos

- 2) Alemanha garante depósitos bancários de R\$ 800 bilhões
- 3) Lula se reúne com líderes da base para discutir crise global
- 4) Três pessoas morrem atropeladas no Rio
- 5) Demissão de professor da Escola Parque cria polêmica
- 6) EUA: Sarah acusa Obama de ‘andar com terroristas’

Segundo caderno

- 7) Adriana Calcanhoto lança livro sobre surto psicótico

Razão Social

- 8) Como as empresas lidam com o lixo eletrônico

- 9) Coluna Ricardo Noblat: O desafio de Marta

Janeiro

O GLOBO

13 de janeiro de 2009

Manchete: PREFEITURAS PERDEM VERBA DE MORADIA POR FALTA DE PROJETOS (Déficit de casa é de 7,2 milhões, e metade dos domicílios não tem esgoto)

Favelas terão imóveis irregulares demolidos(coordenada)

Editorial: Sem recuo político (sobre o mesmo assunto)- é possível reverter a favelização

Kombis na orla desafiam novo prefeito (texto-legenda, acima da manchete)

Três colunas no centro logo abaixo da manchete

A face eleitoral de Dilma(ministra reaparece em público após cirurgia plástica no rosto e pescoço) c/foto

Foto de presidente Lula simulando jogar sapatos em jornalistas em feira de SP(Serra ao lado)

Uma coluna à esquerda

Trabuco assume Bradesco e mira Itaú

Os melhores do mundo: Marta, tri, e Cristiano

Jovem morre atropelada na Zona Sul

Justiça encerra caso Herzog sem punição

No adeus, Bush nega perda de influência

Israel atinge Brasil e pede desculpas (vilarejo no Egito)

Seção Obituário: Friaça, autor do gol do Brasil na derrota para o Uruguai na Copa de 50

2º. caderno: Kate Winslet e Micky Rourke mudam roteiro previsível de Globo de Ouro

Revista Megazine: Séries de TV, livros e filmes transformam os vampiros em ídolos pop

Duas colunas no centro abaixo

Hamas surpreende com novas táticas(militantes usam técnicas de guerra criadas por Irã e Hezbollah e lutam em trajes civis)

Charge do Chico: Busch numa lata de lixo onde está escrito> The end

O GLOBO

14 de janeiro de 2009

Manchete: ACORDO EM SP REDUZ JORNADA E SALÁRIO PARA EVITAR
DEMISSÃO

Coordenadas: FGTS poderá ir direto para pagar o imóvel
Bernanke: ajuda não é suficiente

Duas colunas abaixo

Foto titulada: Território demarcado

Legenda: Bandeira brasileira hasteada pelo BOPE na Cidade de Deus.

Uma coluna à esquerda

Hillary descarta diálogo com Hamas

Escândalo atinge secretário do Tesouro de Obama

Pressionada, Câmara recua de novos gastos

Paes religa lombadas em áreas de risco

Com exportação maior, Petrobrás ainda terá déficit

CHARGE DO CHICO CARUSO: Ano novo, cara nova, mostrando Lula para Dilma:
mas também não precisava exagerar

Segundo caderno: Querendo ir fundo na América Latina, cantora Alanis Morissette
volta ao país

Roberto DaMatta: É chocante saber que o presidente não lê

O GLOBO

15 de janeiro de 2009

Manchete: Demissões provocam atrito entre ministro e empresários

Coordenadas: Maior banco alemão tem perda recorde

China passa Alemanha e já é a terceira economia do mundo

Oferta de mais de R\$ 330 milhões por Kaká desafia a crise

FOTO PRINCIPAL, TEXTO-LEGENDA, FAVELA PAVÃO/PAVÃOZINHO é a 3^a que mais cresce no Rio

Duas colunas abaixo da foto

Guerra de milícia mata mais dois

Uma coluna à esquerda

Obama toma posse sem o secretário do Tesouro

Hamas aceita plano egípcio com condições

Tarso: dois pesos e crise com Itália

Presidente do STF manda soltar Valério

Uma coluna à direita

Revista Boa Viagem: sede do festival de filmes de Sundance é paraíso de esqui

Segundo Caderno: minissérie Maysa faz do brasileiro Mateus Solano o mais novo galã

Charge do Chico Caruso: Entrevistado no salão- Então foi para isso que fizemos a revolução? diz Dirceu caricato a Dilma caricata que responde: Uai não foi não?

O GLOBO

16 de janeiro de 2009

Manchete: Israel faz 110 ataques e atinge ONU, jornalistas e um hospital
C/ foto do prédio da ONU destruído

Duas colunas abaixo

Novo procurador dos EUA diz que tortura será punida

Marte: o mais forte indício de vida

Foto acima: Pouso do Airbus no Rio Hudson, em Nova York

Uma coluna à esquerda

Emprego: negociação é suspensa por 10 dias

Refúgio a italiano opõe Lula e Amorim

Vestibular de medicina da Unig é anulado

Obras não livram o Rio dos buracos

Libertado pelo STF, Valério deixa a prisão

Revista Rio Show: Saiba quais são as bebidas mais caras servidas em bares e restaurantes da cidade

Segundo Caderno: Os atores que se consagraram com seus personagens em “A favorita”.

JB

13 de janeiro de 2009

Manchete: VEM AÍ NOVO PACOTE ANTICRISE (c/foto de Lula “jogando”sapato em feira SP)

Duas colunas

Globo de Ouro: Festival consagra o filme “Slumdog millionaire” e dá dois prêmios a Kate Winslet (c/foto)

País do futebol feminino: Marta faturou pela 3a vez o título de melhor jogadora do mundo. Pelé entregou a Cristiano Ronaldo o troféu do masculino.(c/fotos respectivas)

HAMAS PERDEU 400 MILITANTES

Projeto para a Lapa em risco

Bradesco troca presidente

Três colunas

Fashion Rio 2009(três fotos de modelos desfilando)

Uma coluna

Propostas para Barak Obama

União gasta alto com viagens

Doente grave precisa andar

Flamengo acerta com Zé Roberto

Seção Sociedade aberta

Conflito em Gaza: Samuel Feldberg e Raphael Singer debatem a mediação brasileira

Dengue: Roberto Medronho lembra que doença ainda é ameaça no Rio
Demarcação indígena: Ives Gandra Martins vê riscos na fronteira com Venezuela e Colômbia

JB

14 de janeiro de 2009

Manchete: Rio ganha R\$ 4,7 bi para linhas do metrô

Texto-legenda: Repressão- Apesar de o Choque de Ordem da Lapa ser no carnaval, a Guarda fechou ontem dois depósitos ilegais de mercadorias

Uma coluna

Os SACs ainda não respeitam clientes

Times cariocas já se aquecem

Vídeo na cadeia: menos R\$ 1,2 bi

Efeito de TRH reduz o cérebro

Punição para o desemprego

Jasmin e eucalipto em Copacabana(odores do esgoto do Posto 5)

Seção SOCIEDADE ABERTA

Pinguelli: Conflito não será resolvido pela força dos 2 lados

Cavagnari: Professor duvida da possibilidade de um acordo de paz

Mauro Wainstock: Leitor condena a demonização de Israel

JB

15 de janeiro de 2009

Manchete: 1000 MORTOS, abaixo de fotos da guerra na Palestina

Duas colunas centro

Estado inicia cerco contra a sonegação

Fiesp: acordo não garante emprego

Uma coluna direita

Governo reconhece maus-tratos a doentes

Ivo Pitangui elogia plástica de ministra

Uma coluna esquerda

Seção Sociedade aberta

Cláudio Dedecca: para economista, emprego e renda independem da flexibilização

Mohamed Omer: jornalista descreve as mortes na Faixa de Gaza

Mario Moscatelli: biólogo analisa projeto de esporte no Parque da Catacumba

Uma coluna abaixo

Caderno B: “A vida até parece uma festa”, filme de Branco Melo sobre os titãs

Metrô ampliado até fim de 2009-01-15

Para Zé Roberto, Fla é um sonho

Mendes solta Marcos Valério

JB

16 de janeiro de 2009

Foto principal> avião na água em NY

Manchete: Montadoras do Rio dão férias coletivas

Uma coluna abaixo

ONU: Israel usa arma química

Italianos ampliam críticas ao Brasil

Programa: Em torno das teclas, show do astro pop Elton John

Texto-legenda: Beija-flor em crise

A sociedade aberta

José Sarney: é um janeiro sem sol, com céu de sangue em Gaza

Marcos Cintra: a torcida contra o projeto de reforma tributária

Caderno B: O corajoso ratinho “Despereaux” busca recuperar o encanto dos antigos desenhos da Disney

Truques no Fashion Rio

Corrida> como os atletas driblam os efeitos da menstruação

ESTADO DE SP

TERÇA-FEIRA, 13/01/09

Manchete: Lula prevê trimestre difícil e promete “inventar” obras (presidente vê ameaça de convulsão social mundial e fala em mais investimentos) *com a mesma foto do sapato*, de outro ângulo

GM demite 744 provisórios e preocupa Fazenda

Uma coluna à direita

Irregularidades fazem MST receber menos verbas federais

Executivo com 40 anos de casa vai presidir Bradesco

Obama deve mandar fechar Guantánamo já na 1ª semana

Israel veta partidos árabes na eleição

Duas colunas no centro

O novo visual de Dilma(c/foto)

Marta e Cristiano Ronaldo são eleitos da Fifa

Ferrari apresente modelo mais fino e compacto(c/foto)

Uma coluna abaixo à esquerda

Seção Ambiente: obras ameaçam represas de SP

Viagem e Aventura: Os segredos de Buenos Aires

Dora Kramer: Tucanos fazem aposta arriscada (interessados no fim da reeleição, PSDB teme efeitos colaterais)

Caderno 2 : Todas as idades de Kate Blanchet(c/foto)

Uma coluna centro abaixo

A ameaça das demissões

ESTADO DE SP

QUARTA-FEIRA, 14/01/09

Manchete: HILLARY ANUNCIA MUDANÇA NA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA
("poder inteligente": intenção de dialogar até com inimigos marca ruptura com era Bush)

Coordenada: Hamas oferece pouca resistência

Texto-legenda 5 colunas: Parque Ibirapuera- lixo por toda parte

Uma coluna à direita

Ministro quer punir empresa que demitir

Emprego tem maior queda em 5 anos na indústria

Na China, 15 milhões devem ficar sem trabalho

Mudar plano de saúde sem carência vale só para 15%

Uma coluna esquerda

Serra planeja triplicar investimento em estradas

Cubano vive há 40 dias no aeroporto de San José da Costa Rica

Clubes ainda buscam patrocínio

Caderno 2: 50 anos de música de Rcarlos; DAMatta: a bofetada de Lula

Agrícola> Fruta certificada

Editorial Seção Notas e Informações:: Nesse quadro o Brasil se destaca; deve estimular mercado interno e exportações.

ESTADO DE SP

QUINTA-FEIRA, 15/01/09

Manchete: Grandes empresas apoiam corte de salários e jornada

Coordenada: Lupi ataca empresário “esperto”

FOTO DA CAPA: TEMPORAL EM SP CAUSA ESTRAGOS NA ARENA DE ELTON JOHN

Uma coluna à esquerda

Lixo derruba gerente do parque do Ibirapuera

70% dos leitos de UTI estão fora do padrão recomendado

Kaká quer mais do que dinheiro do clube inglês

Uma coluna à direita

Refúgio a extremista abre crise com a Itália

Bin Laden pede ‘guerra santa’ contra Israel em Gaza

Seção Trânsito: ônibus mata ciclista na Paulista

Seção Paladar: Pura abobrinha

Memória. Ricardo Montálban morre aos 82 anos

duas colunas centro

Caderno 2: Trist família: Cássia Kiss celebra 30 anos de carreira com peça de Tennessee Williams que retrata um clã de fracassados.

Editorial Seção Notas e Informações: Rompendo com a doutrina Bush- secretária de Estado, Hillary Clinton anunciou ruptura com o supremacismo que marcou a conduta dos EUA na esfera global. É mais do que uma simples mudança de tom.

ESTADO DE SP

Sexta-feira, 16/01/09

Manchete: Israel mata líder do Hamas; prédio da ONU é atingido

Foto principal: Avião pousado no Rio Hudson em NY

Uma coluna no alto à direita

Protógenes espionou advogado de Dantas

Uma coluna abaixo da foto

Centrais ameaçam paralisar empresas

Ciência: Nasa descobre metano em Marte

Negócios: Venda de cerveja fica estagnada

Urbanismo: Mais grafites sob o Minhocão

Futebol: Luxemburgo critica dirigentes

Elton John dispara hits

Nélson Motta: Férias na Bahia

Loyola Brandão: Deixar-se levar

Teórico que Hillary citou pede diálogo com Irã

Anac adota regra rígida par vôos de jatinhos

Para Lula, refúgio a extremista foi ato ‘soberano’

Notas e Informações(editoriais): Decisão desastrada (sob o refúgio)

FOLHA SP

TERÇA-FEIRA, 13/01/09

Manchete em 2 cols: GM começa demissões nas grandes montadoras

Foto-legenda em 4 cols de presidente Lula ameaçando jogar sapato e da nova Dilma

Quatro colunas

Parlamento de Israel quer barrar árabes

Duas colunas

Kassab freia renovação da frota de ônibus em SP

Seção Ciência: acompanhado passo a passo, apagão de estrela reforça teoria de brasileiro

Seção Esporte: Ferrari- sem luxo, equipe apresenta modelo de 2009 para o mundial de F-1(c/foto)

Cristiano Ronaldo é eleito melhor jogador do mundo; Marta é tri(c/foto dela)

Uma coluna

Editoriais: Leia “Voto esclarecido”, sobre candidaturas de políticos processados e “Professor faz falta”, acerca de absenteísmos.

Atmosfera: chuvas em grande parte do país

Custo de bilhete no Brasil é até 66% maior do que no exterior

Bradesco será presidido por Luiz Trabucco a partir de março

Sem diversidade, equipe de Obama não fará diferença

Cotidiano: Faculdades privadas têm cursos grátis para atrair bons alunos

Saúde: Jogar videogame Wii em excesso pode causar lesão, dizem médicos

FOLHA SP

QUARTA-FEIRA, 14/01/09

Foto acima da manchete: palestina conduzindo ovelhas em meio à destruição

Manchete: Emprego industrial tem maior queda em 5 anos

Uma coluna à direita

Israel detém avanço militar à espera de saída diplomática

Elio Gaspari: Perigo de Obama é virar Hoover, que a Depressão destruiu

Uma coluna à esquerda

Condenado por 4 assassinatos, terrorista recebe asilo do Brasil

Seção especial: Como fica grafia

Dicionário da ABL esclarece dúvidas sobre prefixos e hífen

Contra tendência, Unb mantém seus gastos com cartão

Uma coluna no centro

Ilustrada: Maysa- minissérie reduz angústia da cantora a caprichos

Duas colunas no centro

Plano de saúde poderá ser trocado sem carência

Editoriais: Abalos no emprego e Privilégio deve ser extinto(sobre previdência)

Dinheiro: Com prejuízo de bilhões, Citigroup cogita divisão em dois para operar

Caixa anuncia mudanças na Mega-Sena e em outras loterias

FOLHA SP

QUINTA-FEIRA, 15/01/09

Manchete: Fiesp quer cortar jornada e salário sem garantir vagas

Coordenada: *Paulo Nogueira Batista*: Turma da bufunfa tenta socializar perdas

FOTO DA CAPA: palestinos se reúnem perto de cratera em cemitério

Em quase 3 semanas, mortos na faixa de Gaza passam de mil

Uma coluna à direita

Canadense Nortel pede concordata e culpa a crise

China ultrapassa Alemanha e é a 3ª economia mundial

Alto escalão do governo dos EUA admite tortura

Consultor acusado de fraude fracassa ao fingir suicídio

Uma coluna, esquerda, alto de pg: Itália convoca embaixador do Brasil e critica asilo a terrorista

Esportes, alto: Foto de Kaká: Kaká deve recusar maior proposta já feita na história do futebol

Uma coluna centro

Turismo: Lembranças de guerra pontuam passeios pelo Vietnã

Cotidiano: Menino de 13 anos passa em 1o. em vestibular de química no Paraná

Ilustrada: Confira dicas sobre o que levar para um piquenique no parque

Equilíbrio: Americana critica presença excessiva dos “pais invasivos”

Uma coluna à esquerda

Turista morre na Bahia ao praticar esporte radical

Gilmar Mendes manda soltar Marcos Valério, preso desde outubro

Editoriais: “Pequena melhora”, sobre planos de saúde; “Assunto da Itália”, sobre asilo Cesare Battisti.

FOLHA SP

Sexta-feira, 16/01/09

Israel ataca prédio da ONU e hospital c/ foto principal

Jânio de Freitas: Ação comprova que bombardeio é a esmo e a granel

Foto menor: avião no Hudson

Presidente sai em defesa de asilo a terrorista italiano

Lula admite demissão mais alta desde 1999

Crise leva 10 milhões de volta ao campo na China

Bank of América deverá receber ajuda de US\$ 15 bi

Emissão de ruídos em Congonhas extrapola limite

Saúde: Câncer de pele dobra risco de surgimento de outros tumores, diz pesquisa

Ciência > Plantas que refletem mais luz ajudam a combater aquecimento

Ilustrada: Sucesso de “Se eu fosse você 2” no mercado ilegal não abala bilheteria

Editoriais: Leia “Agitações de oratória”, sobre ações antidesemprego e “Nova aposta chavista”, acerca do referendo na Venezuela.

Cotidiano: Professor francês é morto em assalto a bar na zona sul de SP